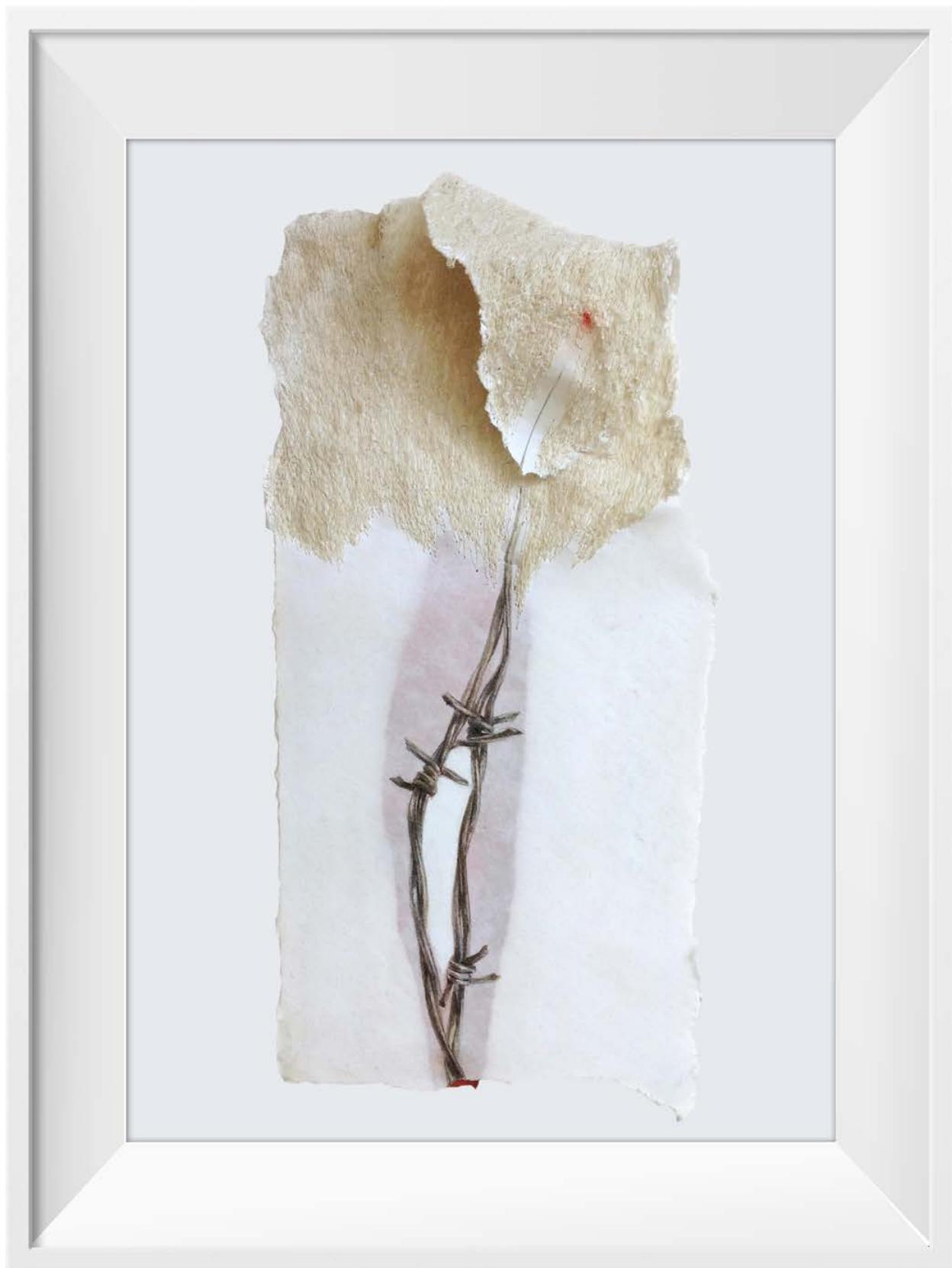


EDIÇÃO 16

ABRIL 2022

DESCENDÊNCIAS

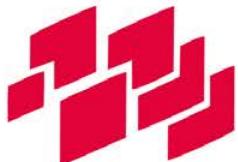
M A G A Z I N E



CONSULTORIA FISCAL E DE GESTÃO



Ao seu Lado
acompanhando
o seu negócio
quer seja desenvolvido
em nome pessoal ou
através de uma
sociedade de forma
personalizada



cisterdata
consulting

Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH

Apoiamos a nossa atividade há já duas décadas
a partir das cidades de Lisboa, Paris, Marraquexe.



Lisboa, Paris, Marraquexe



+351 211 978 542



info@cisterdata.pt



www.cisterdata.pt

As áreas de suporte
e apoio à gestão
são ajustadas às suas
necessidades
potenciando o seu
negócio tendo
em conta a nossa
experiência
internacional.

p/ 06 e 07.

Participação da AILD na reunião anual do CRCPE
A Guerra

p/ 12.

Grande Entrevista
Fred Antunes

p/ 30.

Conselho das Comunidades Portuguesas
Um olhar crítico sobre os 50 anos do EPE

N E S T A E D I C Ā O

p/ 38.

Artes e Artistas Lusos. Helena Amaral
Por Terry Costa

p/ 44.

Ambiente. Uma janela com vista para a mina
Por Vítor Afonso

p/ 60.

Com lupa lá fora: Praga
Por João Costa

Obra de capa

Título: L'envers

Dimensões: 49 x 33

Técnica: Mista sobre drop paper

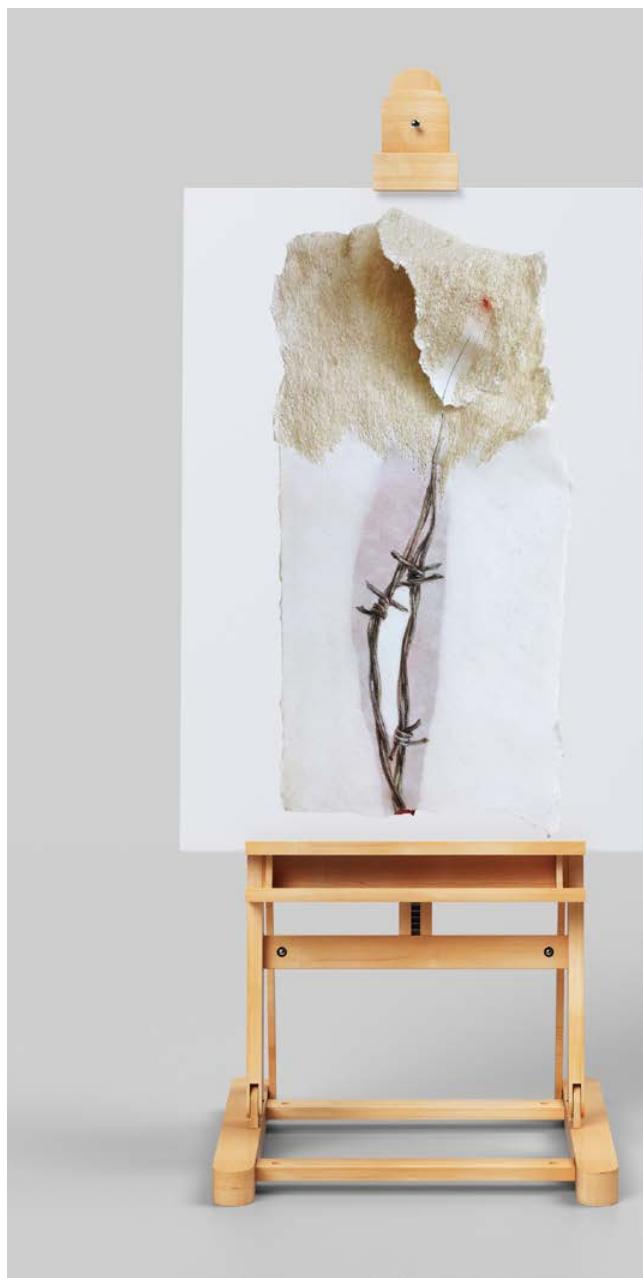
Descrição da obra:

Na desordem de uma ordem planejada, a linha entrelaça a folha rasgada numa direção alinhada. Ponto por ponto tece o espaço irregular, onde o fio de algodão ganha textura na sua loucura. Neste lugar a poesia do desenho esconde o medo do ferro. O arame farpado, na metamorfose do poder, ganha fulgor na dor emaranhada da ferida costurada. Na sua persistência, os sentimentos a óleo ganham a cor da agonia, o lápis uma mina de pavor. Ponto de sangue no linho da linha, pinta a persistência do ser. E, no fim do dia, é no ponto e na linha que se constrói a fantasia de um outro lugar. Quando escolhi esta obra, não era este o texto, era outro. Essa é a liberdade que a arte nos dá, essa é a forma como a Sónia Aniceto constrói as suas obras. Ainda que tenha em si um fio condutor deixa ao espectador uma graduação de possibilidades. E foi com essa premissa em mente que revi a obra e que nela encontrei uma metáfora para o momento.

Texto: Monica Musoni

Sónia Aniceto

obrasdecapa@obrasdecapa.pt



F T

Diretora Fátima Magalhães | **Diretora Adjunta** Gilda Pereira | **Editores** António Manuel Monteiro, Cristina Passas, Diana Correia, Fatinha Pinheiro, Flávio Alves Martins, João Costa, Gilda Pereira, Hugo Gonçalves Silva, José Governo, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marta Costa, Melissa da Silva, Paula Cristina Veiga, Philippe Fernandes, Rogério M. Fernandes Ferreira, Sílvia Faria de Bastos, Tiago Robalo, Vitor Afonso | **Revisão** JG Consulting | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade** Mensal | **Contactos** E: info@descendencias.pt W: <https://descendencias.pt> T: 309 921 350 | **Publicidade** E : publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras Lda, não é responsável pelo conteúdo dos anúncios

nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º nº2, i) e j), artigo 75º nº2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreves, 44 | 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo ERC** 127522 | **Edição** 16, abril 2022 - GRATUITA.

Editorial

Caros Leitores

No mês em que comemoramos o “25 de abril”, a Descendências Magazine dá um especial enfoque à liberdade. Começando pela sublime “L’envers” de Sónia Aniceto, onde Monica Musoni transforma em palavras cada pormenor que compõe a obra, mostrando-nos um dos aspectos fundamentais da arte: a liberdade do espectador. Trazemos a palco a reunião anual do Conselho Regional das Comunidades Portuguesas na Europa, decorrida no passado dia 10 de março, no Ministério dos Negócios Estrangeiros em Lisboa, que teve a representação da AILD – Associação Internacional dos Lusodescendentes com José Governo. Philippe Fernandes, Presidente da AILD, fala-nos da importância da democracia e da manutenção da paz, num momento em que a guerra se faz sentir. Diana Correia é a associada do mês. Jornalista de profissão, integra desde 2021 o Gabinete de Comunicação da AILD. Não perca a Grande Entrevista ao Presidente da Associação Portuguesa de Blockchain e Criptomoedas e CEO e fundador da RealFevr: Fred Antunes. Portugal está a mudar, sendo agora marcado por uma nova era de imigração em que se destaca a dimensão da segurança e do pacifismo do país para este fenómeno. Amadeu Batel, Vice-presidente do Conselho Permanente das Comunidades Portuguesas, analisa as cinco décadas do EPE – Ensino de Português no Estrangeiro. No espaço de divulgação dos media de língua portuguesa pelo mundo, trazemos um jornal com 94 anos de existência! Fundado por Vasco Jardim, o jornal Luso-Americano desenvolve na atualidade

um papel determinante junto das comunidades portuguesas. Os artistas surpreendem a cada momento e Helena Amaral é um desses exemplos que nos fala Terry Costa. Com uma carreira incansável, dedica-se atualmente a um projeto único “Sorrisos de Pedra”. Venha conhecer, decerto que o vai encantar! Vítor Afonso abre-nos a janela com vista para a mina: Um retrato delicioso do futuro da exploração do lítio em Portugal. Do lado da poesia, soltam-se os versos de Ariano Suassuna. É em março que se celebra o dia do Pai, por esse motivo Nuno Duarte, conta-nos um pouco da sua experiência e reflexão como pai e psicólogo. Joana Silva, presenteia-nos com o silêncio, nas suas fotografias. Deixe-se encantar com as maravilhas da Serra do Acor e a unicidade arquitetónica da aldeia de xisto de Piódão, trazidas pela Geógrafa Fatinha Pinheiro. Está na hora de uma viagem até Praga, conduzidos por João Costa, em que a história e a arquitetura se entrelaçam. E, se já aqui falamos em guerra, e se esta é também uma das palavras que mais ouvimos nos últimos tempos, é imprescindível sabermos a sua origem. Não hesite por isso em descobri-la com o Professor Marco Neves! Para terminar, na parte fiscal, Rogério Ferreira chama-nos a atenção para a época declarativa do IRS, e Philippe Fernandes aborda-nos o papel exigente de líder carismático de um contabilista certificado e da difícil gestão dos recursos humanos. Um verdadeiro desdobramento por inúmeras temáticas de grande relevância nesta edição.
Boas leituras e uma feliz Páscoa!



Gilda Pereira
Diretora Adjunta

| AILD

Aconteceu

No passado dia 10 de março, José Governo, em representação da AILD - Associação Internacional dos Lusodescentes, participou na reunião anual do Conselho Regional das Comunidades Portuguesas na Europa, que teve lugar no Ministério dos Negócios Estrangeiros em Lisboa, além de vários conselheiros da europa e associações com sede em Portugal, marcou também presença a Secretária de Estado das Comunidades Portuguesas, Dr.^a Berta Nunes, e o novo Diretor Geral da DGACCP, Embaixador Luís Ferraz.

Os trabalhos tiveram início com a apresentação e avaliação do inquérito promovido pelo CRCPE, de consulta ao Movimento Associativo Português na Europa. Uma valiosa iniciativa por parte do conselheiro e lusodescente Pedro Rupio e restantes conselheiros do Conselho Regional, cujo documento permite ser uma importante base e ponto de partida, no sentido de conhecer a atual realidade do movimento associativo na europa, e o sentir dos seus dirigentes associativos, por forma a podermos refletir em conjunto e definir estratégias. Alguns dos problemas evidenciados no inquérito foi o envelhecimento dos corpos diretivos; a sua falta de disponibilidade; e as associações estarem pouco viradas para os jovens e para as



novas vagas de emigração. O inquérito apontou como algumas das soluções para os problemas evidenciados a necessidade de uma maior proximidade; a simplificação do regulamento da atribuição de apoios da DGACCP; a formação, e a necessidade da existência de um contacto direto entre as associações e a DGACCP. José Governo teve oportunidade de realçar a importância da proximidade, seja da DGACCP, seja dos membros do Governo, mas também, dos deputados, dos consulados e embaixadas, numa perspectiva de uma atitude conjunta, de parceria e cooperação, pois, salienta, “juntos, somos mais fortes”. A AILD, associação mais antiga criada por lusodescentes em Portugal, tem precisamente a visão e a prática da importância da proximidade e da cooperação, tendo vindo permanentemente a alargar-se ao mundo, através da criação de delegações da AILD em diversos países, para “estarmos mais próximos, sermos mais úteis e podermos prestar um maior e melhor apoio”.

Num segundo momento do encontro, foi a oportunidade para a formulação de propostas acerca do Decreto-lei n.º 124/2017 que estabelece e regula as condições de atribuição de apoios pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros às ações do movimento associativo das comunidades portuguesas, cujos contributos foram no sentido de um apelo à simplificação do regulamento da atribuição de apoios por parte da DGACCP, ao qual muitas associações não se sentem capazes de realizar o processo burocrático que é imposto pelo regulamento. Foi ainda apontado por vários conselheiros a discordância da necessidade de se proceder de 3 em 3 anos ao registo das associações. Efetivamente, a AILD também considera que esse período deveria ser mais alargado, reconhecendo no entanto, da importância e necessidade de haver regras e procedimentos que permitam que haja transparência e rigor nos processos, nas estruturas, nas contas, a existência de estatutos e a sua aplicabilidade, ficando a promessa do alargamento deste prazo para 5 anos. Este importante trabalho desenvolvido pelo Conselho Regional das Comunidades Portuguesas na Europa, e dos Conselheiros do CCP em geral, merece da parte da AILD o aplauso e reconhecimento.

O conhecimento do bem é tão importante como o conhecimento do mal, uma vez que o conhecimento deste contraste nos permite ter a consciência que muitas vezes não nos apercebemos que vivemos num pequeno paraíso incomum no mundo.

Muitas vezes não nos damos conta que a democracia, a paz, a coesão social e a liberdade de agir e de nos exprimirmos, não é, infelizmente, muito comum. Poucos países fazem parte deste grupo, e na verdade só uma pequena parte da humanidade vive nestas condições.

Este modo de viver representa um perigoso “vírus” para os ditadores, que tudo fazem para que os seus cidadãos não sejam atingidos por tal doença, estando sempre prontos para usar todos os meios que permitem

controlar, qualquer foco de “infeção” seja ele no seu país ou até de modo preventivo noutros países. Por essa razão, Putin vai reduzir a Ucrânia a cinzas. Putin não se sente ameaçado por vizinhos ditadores, pelo contrário, ver os seus vizinhos ansiarem ao sonho europeu, é que não, não vão os russos terem também tal anseio. Por isso, de forma implacável esmaga de forma cruel, bárbara e inumana um dos povos mais próximos dos russos, e não duvido que não hesitaria a fazer o mesmo ou pior ao seu próprio povo.

Para extirpar este “vírus” da democracia, com certeza que ele não hesitará em usar todos os recursos de que dispõe, sejam eles armamento proibido, biológico e até nuclear.

AILD

A Guerra

A seu favor pode contar com a nossa ingenuidade, o nosso processo de negação e a nossa vã esperança de que pode mudar...

Este ataque à Ucrânia é, pois, um ataque direto ao nosso modo de vida. Não tenhamos ilusões, a Europa já está em guerra, infelizmente, Putin já a declarou.

A perseveração do nosso modo de vida e da paz, consegue-se criando uma Europa forte, pois ninguém ataca quem é forte e quem tem uma estrutura militar mortal.

Sem uma estrutura militar à altura, seremos aperitivos. A preparação desta estrutura militar faz-se em momentos de paz, para que nunca haja uma guerra e não o contrário... A Ucrânia entrou num processo de negação e não se preparou para se defender.....

Os concidadãos no seu dia-a-dia podem contribuir para manutenção da paz, tornando o seu lar autosuficiente em energia, através, por exemplo, de painéis solares, no modo como fazem as suas compras, pois são as nossas compras que financiam os países que nos irão atacar mais tarde, e é por isso é vital, hoje mais do que nunca, apoiar produtores locais...

Estejamos atentos, pois talvez os bons amigos dos nossos inimigos nunca sejam os nossos, talvez por pudor alguns ainda não se tenham juntado à Rússia, talvez ainda não seja o melhor momento para o fazerem, esperam uma melhor oportunidade de nos subjugar.

Entretanto, sejamos generosos com os ucranianos, e quem quer a paz deve-se preparar para a Guerra.



Philippe Fernandes
Presidente da AILD

| AILD

Diana Correia

Idade: 27 anos

País de nascimento:

Portugal

Cidade onde reside:

Penafiel



Diana Correia nasceu em Penafiel em 1994. A sua infância e adolescência foram passadas na cidade do norte de Portugal, até que, aos 17 anos, se mudou para Coimbra para estudar Comunicação Social. Terminada a sua formação académica regressou à terra natal onde iniciou o seu percurso profissional. Trabalhou enquanto jornalista em órgãos de comunicação regionais, publicações e, desde agosto de 2021, integra o Gabinete de Comunicação da AILD.



O que faz profissionalmente?

Sou jornalista de profissão. Atualmente, trabalho numa publicação empresarial e faço parte do Gabinete de Comunicação da AILD. Recentemente, conclui o curso de Marketing Digital com o objetivo de aprofundar os meus conhecimentos no mundo digital.

Preparar uma entrevista, escrever um artigo, realizar um documentário, fazer uma reportagem em direto, em qual destes papéis a Diana se sente mais realizada? Porquê?

Sempre fui mais de ficar no backstage, nunca foi meu sonho estar em frente a uma câmara. No segundo ano de licenciatura tive de optar entre dois ramos e a mi-

nha escolha recaiu sobre aquilo em que me sentia mais confortável: Produção de Conteúdos para os Novos Media. Quando terminei o curso, sempre me imaginei a trabalhar atrás das câmaras, mas, curiosamente, o meu percurso profissional foi-me sempre “empurmando” para a linha da frente e acabei por aprender a gostar deste lado.

Sem dúvida que preparar uma entrevista e realizá-la (em off) é o que mais gosto de fazer. É um processo que nos ensina sempre alguma coisa. Se queremos entrevistar alguém temos de conhecer um pouco mais sobre a pessoa, o que faz, qual a sua área de atividade, o que já conquistou, entre muitas outras coisas. Temos que mergulhar no seu universo, e nesse processo de descoberta conseguimos sempre tirar novos ensinamentos que, de alguma forma, nos vão enriquecer.



Não tendo tido anteriormente um percurso ligado às Comunidades, que resumo nos pode fazer sobre o aprendizado que tem sido estes quase oito meses na AILD?

Tem sido de facto um aprendizado incrível. Como muitas outras pessoas, sempre soube que existiam grandes Comunidades Portuguesas um pouco por todo o mundo, mas só agora consegui perceber a sua verdadeira dimensão. Ao falar das Comunidades Portuguesas, falo dos milhões de pessoas que falam a Língua Portuguesa e que partilham a nossa cultura. Somos uma comunidade incrível. Esta capacidade da AILD de aproximar os portugueses de cá e de lá, de criar laços, redes de contacto é de facto louvável e tem-me permitido contactar com novas pessoas, com novas realidades que, até então, desconhecia. Tem sido uma viagem incrível e muito enriquecedora.

Sendo responsável pelo Gabinete de Comunicação da AILD, quais foram as principais medidas que implementou na associação e que novidades (suas) vamos ter para este ano de 2022?

Nunca fazemos nada sozinhos. Todas as medidas foram resultado de um trabalho em equipa e do esforço conjunto de querer fazer mais e melhor pela AILD. Foram muitas as ações já desenvolvidas, todas, e cada uma, com a devida importância e com o objetivo de promover e divulgar o mérito trabalho desenvolvido pela associação. Para o futuro? O melhor é continuar a acompanhar o nosso trabalho, projetos e iniciativas, porque novidades não vão faltar.

Que importância pode ter a nova rede internacional que a AILD está a criar?

A nova rede internacional da AILD vem reforçar a sua visão e missão de aproximar e criar laços com toda a Comunidade Lusófona. Falamos de um projeto grandioso, pensado e executado a pensar nos milhões de lusófonos espalhados pelo mundo e que vem, com toda a certeza, agregar valor a estas comunidades. Cada delegação é o símbolo de mais um passo dado no caminho da sinergia e da cooperação, não apenas com a comunidade em si, mas também, e sobretudo, com cada um dos cidadãos que partilham a língua e cultura portuguesas.



É visível até pelas redes sociais, nomeadamente nas partilhas que faz nas suas páginas pessoais, que veste com orgulho a camisola da AILD. A que se deve essa entrega e dedicação?

Acima de tudo, acredito no projeto. Nunca foi minha característica participar, envolver-me ou dedicar-me a um projeto com que não me identificasse. Vejo na AILD e no trabalho que desenvolve um enorme potencial, que merece e deve ser divulgado e dado a conhecer. Acredito vivamente na sua missão e tudo farei para que a AILD possa crescer ainda mais.

Sabemos que a AILD prepara o lançamento de um canal no YouTube. Que funções gostaria de desempenhar nesse futuro projeto?

Acho que, acima de tudo, aquilo em que possa de facto constituir uma mais-valia para o projeto. Já fiz coisas tão diversas ao longo da minha vida que qualquer função será sempre um novo desafio, que estou preparada para agarrar.

Dos diversos projetos que a AILD apresentou no seu plano de atividades para 2022, desafiamos a Diana a destacar apenas um deles e nos diga porque motivo o escolheu.

Difícil escolher apenas um. O Plano de Atividades para 2022 está muito completo e repleto de projetos e iniciativas louváveis, mas talvez destaque o projeto “Campanha Estudar em Portugal”. Como sabemos o ensino é fundamental, é através dos estudos que adquirimos conhecimentos, cultura e traçamos objetivos na vida. Proporcionar aos jovens lusodescendentes a ajuda necessária para que possam frequentar alguns dos melhores estabelecimentos de ensino superior em Portugal é uma iniciativa, a meu ver, notável. O ingresso no ensino superior é sempre um momento marcante na vida académica, poder contar com o apoio de uma instituição como a Associação Internacional dos Lusodescendentes ao longo de todo o processo é sem dúvida uma enorme mais-valia.



GRANDE ENTREVISTA

PRESIDENTE DA ASS. PORTUGUESA DE BLOCKCHAIN E CRIPTOMOEDAS

FRED ANTUNES

Fred Antunes nasceu em Lisboa em 1982.

É graduado em Filosofia, pós-graduado em marketing e comunicação e pesquisador sénior em mind science e neuro-marketing. Está ligado ao mundo das bitcoin e blockchain desde o seu começo, tendo sido em Portugal um dos primeiros a aderir às criptomoedas. Crypto Entusiast desde o movimento de “cypherpunks”, no final de 2009 começou a pesquisar o impacto da tecnologia blockchain na sociedade e a partir daí não mais parou. Hoje, é presidente da Associação Portuguesa de Blockchain e Criptomoedas e CEO e fundador da RealFevr, que vende saquetas virtuais com vídeos dos melhores momentos do futebol. Nesta edição, a Descendências Magazine leva-o numa viagem ao mundo das criptomoedas pela voz e testemunho de Fred Antunes.



© Joana Silva

Comecemos a nossa conversa por conhecer um pouco melhor quem é Fred Antunes e em que momento se começou a interessar por este mundo?

Diria que “este mundo” começou em 1996, quando os meus pais instalaram a internet em casa, pela primeira vez. Sempre estive ligado ao mundo dos videojogos e foi, exactamente, na posição de jogador profissional do videojogo “World of Warcraft” que conheci a bitcoin. À data, o videojogo tinha uma moeda chamada “Gold”, que era o ouro do jogo. Certo dia, alguém, dentro do grupo de jogadores, publica um programa que podíamos deixar a correr durante a noite e que depois nos permitia trocar as moedas por

“Gold”. Esse programa não era mais do que um minerador de bitcoin, que utilizava a GPU (Unidade de Processamento Gráfico) para minerar bitcoin. Foi neste contexto o meu primeiro contacto. Hoje, poderia ter muito mais bitcoin do que tenho, se não as tivesse trocado por “ouro” no “World of Warcraft”.

Nos últimos anos temos vindo a tomar um maior contacto com o fenómeno das bitcoins e outras criptomoedas. É um facto que o número de investidores em criptomoedas está em plena expansão. Mas antes de chegarmos à pergunta, vamos começar pelo início: afinal o que são criptomoedas?





De uma forma muito sintética, as criptomoedas são moedas em open source. Enquanto o dinheiro tradicional como nós o conhecemos, a moeda fiduciária como o euro ou o dólar, vale aquilo que o Banco Central diz, a bitcoin traz como proposta de valor esta ideia open source, esta ideia de descentralizar. Aqui, não existe uma entidade central que controla a produção de moeda e a sua emissão. O processo é totalmente descentralizado e o governance é executado através de uma tecnologia chamada blockchain, uma rede descentralizada de computadores espalhada pelo mundo inteiro.

As criptomoedas surgiram para resolver um problema exclusivo da internet, referente à compra e venda de bens e serviços exclusivamente digitais. Se estávamos perante um produto intangível e digital, fazia todo o sentido ter também uma moeda que não estivesse dependente e limitada a nenhum país e que fosse global, tendo assim o seu valor e a sua transacionalidade totalmente garantidos.

Blockchain é a tecnologia inovadora que está por detrás das moedas digitais e que, dizem os entendidos, vai mudar o mundo como o conhecemos, não só com enormes impactos na área financeira, mas com uma abrangência absolutamente global. Se tivesse de explicar a blockchain a alguém que nunca tenha ouvido falar da tecnologia o que diria?

A blockchain é, acima de tudo, um modelo de governance onde os seres humanos aceitam delegar a máquinas uma série de responsabilidades em que são permeáveis e onde podem falhar. O ser humano pode falhar involuntariamente, ou voluntariamente. A tecnologia blockchain vem resolver exatamente este problema humano: a falha. É capaz de fazer a governança total do sistema, sem que seja necessária a intervenção humana, o que significa que permite uma solução com total transparéncia, imutabilidade, rastreabilidade e clareza para todo o sistema. Em última estância, a blockchain é uma representação objetiva da assunção máxima da democracia. As máquinas não fazem uma diferencia-

ção entre quem é mais rico e quem é mais pobre, entre quem tem mais ou menos oportunidades, ou quem tem mais ou menos direitos. A máquina considera todos iguais e o princípio democrático da equidade está intrinsecamente garantido.

Foi exatamente com o objetivo de divulgar a tecnologia blockchain, o funcionamento das criptomoedas, evangelizar o tema e dá-lo a conhecer no mercado português que surgiu a Associação Portuguesa de Blockchain e Criptomoedas, da qual é presidente. Considera que em Portugal ainda existem bastantes dúvidas em relação a esta tecnologia e de que forma pode ser utilizada?

Sim, e a situação muitas vezes é dramática. Quando fundamos a associação, há cinco anos, a informação era muito escassa. Hoje, já conseguimos cobrir um grande conjunto de pessoas que tem criptomoedas, mas à medida que a adoção dos ativos vai evoluindo e surgem mais pessoas que querem adquirir criptoativos, torna-se necessário que possam ter acesso à mesma informação. Considerando que na população mundial, no máximo dos máximos, apenas 2% detém algum tipo de criptoativo, diria que a missão de informação, de evangelização, de clarificação e de capacitação de uma instituição como a Associação Portuguesa de Blockchain e Criptomoedas terá nos próximos 10 ou 15 anos uma utilidade prática enorme. Quantas mais pessoas tiverem criptoativos, mais recorrente e importante se tornará o processo de informar as pessoas de como funciona, de como se podem proteger e não perder os seus ativos.

Considera que a generalização das moedas digitais foi algo positivo ou negativo para a comunidade?

Acho que só foi positivo. É lógico que deve haver interpretações mais fundamentalistas que acham que houve coisas menos bem feitas, e claro que houve, mas acho que o aproveitamento é, maioritariamente, positivo.



© Joana Silva

Desde que surgiu, a bitcoin já atingiu vários máximos, mas também já teve algumas quebras significativas. Em maio de 2021, um executivo do Golddamn Sachs demitiu-se depois de ganhar milhões de dólares com um investimento que fez em Dogecoin. Será que já é demasiado tarde para investir neste tipo de ativos?

Acho que é um erro usar a palavra investimento, porque estamos a propagar esta informação pelo lado da geração de ganhos potenciais. Se houve coisa que nunca promovi foi a especulação à volta dos ativos. Ir, ou não, a tempo não é relevante. O que é importante é que a pessoa compreenda a tecnologia e, depois, possa tomar conscientemente a sua decisão.

Quando compramos uma bitcoin, não estamos a fazer um investimento em bitcoin. Numa plataforma descentralizada a compra de uma bitcoin é a compra de uma parte do software que faz o governance desta nova forma de economia. Se a pessoa reconhecer que esta nova forma de economia vai crescer ao longo dos anos, faz sentido que adquira

uma parte disso. Se, por outro lado, a pessoa achar que tudo isto é inútil e que não faz qualquer sentido, então nunca deve comprar. A pessoa deve comprar de forma consciente e se de facto fizer sentido para ela, e nunca porque ouviu alguém dizer que vai ficar milionário em 24 horas. Definitivamente, isso não vai acontecer.

As criptomoedas não estão apenas a revolucionar o mercado financeiro. Os mecanismos que envolvem linhas de código e blockchain têm causado uma grande modificação na maneira como acordos começam a ser firmados: smart contracts (contratos inteligentes). Surgidos com a tecnologia blockchain os smart contracts prometem simplificar ao máximo este tipo de processos. O que são e de que forma prometem reforçar a confiança, a segurança e a transparência entre as partes?

O smart contract é a natural evolução do conjunto de funções que uma blockchain consegue executar. Em 2008/2009, quando a bitcoin foi publicada, a blockchain não servia para



© Joana Silva

muito mais do que apenas governar a própria bitcoin. A partir de 2014, com a criação da rede Ethereum, ampliou-se a oferta de possibilidades daquilo que podemos fazer e programar dentro de uma blockchain. Um smart contract, do ponto de vista prático, vai garantir a duas ou mais partes a execução de determinado acordo, sem que nenhuma das partes possa alterar ou adulterar aquilo que acordou previamente. Sempre que há necessidade de partes, que não se conhecem e onde a confiança é inexistente, celebrarem um acordo entre si, o smart contract vem resolver esta questão de forma completamente agnóstica. Para além disso, o smart contract tem a particularidade de não estar subordinado à legislação específica de um país ou às regras específicas de determinada instituição, porque no fundo aquilo que for acordado entre as partes é depois programado e executado autonomamente.

Confidencialidade, autenticação e irretratabilidade são os quatro princípios da criptografia que fazem da blockchain e das criptomoedas um dos maiores avanços financeiros e de tecnologia nas últimas décadas. Todas as transações em blockchain funcionam através de mensagens criptografadas. O que é a criptografia e de que forma esse processo assegura a confiança e segurança das transações, não apenas de bitcoin, mas de todas as criptomoedas?

A criptografia é uma ciência milenar. Desde que existem homens na terra que a criptografia é importante. É um sistema de comunicação humano, hoje usado por máquinas, que permite aos seres humanos guardar informação preciosa e que só pode ser partilhada com quem querem. Leonardo da Vinci tinha centenas de metodologias simbólicas de comunicação, todas elas criptografadas. Os egípcios ti-



© Joana Silva

nham centenas de informações, que ainda hoje continuamos a não conseguir decifrar o que queriam comunicar, ou guardar, por ser tão precioso.

A criptografia não é mais do que ter, digitalmente, cofres que só podem ser abertos por quem decidirmos que pode ter acesso. O processo dentro de uma blockchain é exatamente o mesmo. Se eu instalar uma wallet (carteira digital) ninguém, que não tenha a minha chave privada, pode aceder a essa carteira. Esta chave privada garante que o conjunto de ativos que estão dentro da wallet nos pertencem exclusivamente. Esta chave é de tal forma privada que se a perder não existe ninguém que a possa recuperar.

O Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD) constitui hoje um grande obstáculo à tecnologia blockchain. Considera que este conflito poderá impactar o crescimento desta tecnologia em Portugal?

Fui das primeiras pessoas a dar uma entrevista, na altura da publicação do RGPD, onde dizia que existia um nativo

conflito. À altura, um conjunto de especialistas argumentavam contra mim, dizendo que a blockchain era compatível com o RGPD. O ano passado, o fundador do RGPD veio dizer, exatamente, que há duas áreas da sociedade tecnológica que são incompatíveis com aquilo que ele criou: uma é a blockchain, outra é a inteligência artificial.

Se nós construímos uma plataforma onde colocamos à disposição do consumidor/utilizador todos os produtos e serviços sem que tenhamos de ter dados pessoais dele para os poder comprar ou vender, não há incompatibilidade nenhuma. A incompatibilidade surge a partir do momento em que precisemos de dados pessoais dos utilizadores para poder fazer negócio. E aí sim, se esses dados vão para dentro de uma blockchain, pela imutabilidade desta tecnologia, gera-se conflito com a lei que diz: "right to be forgotten". No entanto, cada vez mais, não vejo motivo para as pessoas partilharem os seus dados pessoais quando compram bens e/ou serviços. Considerando que, neste caso, a maioria dos bens são exclusivamente digitais e intangíveis, não há necessidade de partilhar dados.



© Joana Silva

O Banco de Portugal (BdP) vai criar um “grupo de contacto” para debater o fenómeno das criptomoedas e a possível emissão do euro digital, um projeto que está em discussão no seio do Banco Central Europeu (BCE). Se não houver atrasos, em setembro de 2023, o BCE deverá decidir se avança ou não para a emissão do euro digital, o que permitiria aos cidadãos deterem euros numa espécie de “carteira” virtual custodiada pelo próprio banco central, fazendo pagamentos “sem risco”. Quais as vantagens mais proeminentes, mas também as desvantagens associadas à possível emissão do euro digital?

Faço parte desse grupo de contacto e tenho estado presente em vários grupos e até iniciativas públicas do Banco de Portugal.

O euro digital tem um problema nativo, dentro do sistema incumbente. O primeiro problema que o euro digital tem é que vai desintermediar o próprio sistema tradicional. O Banco de Portugal e o Banco Central Europeu passam a ter contacto direto com o consumidor, sem que haja a necessidade do banco privado, do banco de retalho intermediar qualquer coisa e, com isso, receber comissões. Para além disso, deixamos, em última estância e potencialmente, de precisar de uma conta bancária num banco privado, porque instalamos a wallet do euro digital. Isto parece-me, desde logo, um conflito nativo.

O segundo problema do euro digital prende-se com aquilo que será o invasor europeu em termos de política monetária, o “yuan digital”. A China hoje já tem a sua moeda central CBDC (Central Bank Digital Currency), o “yuan di-



© Joana Silva

gital”, que está dramaticamente mais avançado que o euro digital e que um potencial dólar digital. Neste momento, os chineses já têm o “yuan digital” em funcionamento e em circulação, estando preparado para ser internacionalizado a qualquer momento.

O terceiro aspeto, que não vejo como problema, é que a bitcoin existe e é descentralizada. Ora, com o euro digital estariam a falar de uma solução naturalmente centralizada. Perante isto, o que vejo é uma necessidade imperativa de coexistência. Se por um lado os reguladores não conseguem proibir a bitcoin em nenhuma circunstância, por outro lado também não é do lado das pessoas que têm bitcoin que tem que existir um contra em relação à natural evolução do sistema financeiro clássico. No entanto, considero que os bancos tradicionais têm tantos desafios dentro da transformação digital, que a bitcoin é apenas, e só, uma agulha no palheiro de problemas que vão ter que resolver.

A Binance, a maior corretora de criptomoedas do mundo, anunciou que queria expandir o seu negócio em Portugal com vários investimentos no país, numa altura em que ainda procura uma sede para a sua operação. Qual a importância estratégica que Portugal tem para esta indústria?

Portugal tem coisas muito boas e coisas muito más. Tem uma gastronomia única, um clima excepcional e uma localização geográfica fantástica, que nos coloca muito próximos da América do Norte, da América Central, da América do Sul, da Europa e até mesmo dos próprios PALOP em África. Por outro lado, falta-nos um bocadinho de coragem governativa para que pudéssemos ser um país capaz de competir à escala internacional. Claramente a oportunidade tecnológica e dos criptoativos é enorme. A Binance olhando para este potencial, imediatamente, vê Portugal como uma fantástica oportunidade. Não é à toa que Lisboa é hoje uma das três importantes capitais cripto do mundo. Portugal tinha



© Joana Silva

tudo para poder aproveitar a oportunidade, mas acho que não o vai fazer. Há outros interesses aqui instalados que não querem que isso aconteça.

Recentemente, o prémio Nobel da Economia alertou para um “crash” de preços nas criptomoedas desde novembro, tendo apontado paralelos com a crise do “subprime” de há 15 anos. Quem está a sofrer com este “crash”, e o que pode ele provocar na economia?

Quem está a sofrer com este crescimento da bitcoin, em primeiro lugar, é o Prémio Nobel da Economia que, por não ter bitcoin, apenas a está a ver passar. O Prémio Nobel da Economia é de facto é uma pessoa louvável, mas dentro de todas as previsões que fez nos últimos 10 anos, falhou 90%.

É importante não lhe tirar o mérito, mas não significa que tudo o que ele diz está certo. Só o tempo irá dizer se ele tem, ou não, razão. Hoje, o tempo está do lado dos ativos digitais e das criptomoedas. Se em determinada estância esta realidade se alterar, estaremos cá para debater esse problema.

O investimento em criptomoedas tem aumentado significativamente nos últimos anos, e muitos investidores optaram por diversificar as suas carteiras através da aquisição desta moeda digital. Que conselhos daria a quem deseja começar a investir em criptomoedas?

Um investimento em bitcoin e outros criptoativos pressupõe um elevado nível de literacia digital e de literacia financeira. As pessoas antes de fazerem uma compra com



© Joana Silva

um valor mais elevado, devem sempre começar por gastar 10 ou 20 euros a comprar um criptoativo e perceberem como é que funciona. Depois de se sentirem minimamente confortáveis, devem então subir para um valor mais consciente e lúcido, mas nunca apenas, e só, à procura do paraíso da riqueza.

Para além disso, nunca devem confiar em intermediários financeiros para gerirem as suas carteiras. Há uma velha máxima muito importante em cripto que diz: "Not your keys. Not your coins". Sempre que confiamos num terceiro para guardar as nossas moedas, automaticamente, corremos o risco de ficar sem elas. Nunca devemos confiar em terceiros para gerir o nosso portefólio e para gerir os nossos ativos, desde logo porque isso é completamente

contraproducente com a natureza da tecnologia. Por último, sempre que quiserem comprar criptoativos, devem validar se a bolsa online que vão utilizar está minimamente regulada, se é confiável. Só assim conseguirão estar sempre protegidos.

Como é que vê o futuro das criptomoedas?

O futuro dos criptoativos e dos ativos digitais é uma questão de necessidade para a humanidade. A tecnologia blockchain e os criptoativos serão a evolução natural daquilo que irá acontecer. Hoje, o estágio de desenvolvimento dos criptoativos é exatamente o mesmo que nós tínhamos em 1997/1998 com a evolução da internet.



© Joana Silva

A atualidade está a ser marcada pela ofensiva russa à Ucrânia. A injustificada invasão teve impactos em diversos setores da economia mundial. E o mercado financeiro não passou incólume. Se inicialmente notícias davam conta que tensão geopolítica tinha levado investidores a reduzir exposições a risco, e os criptoativos acabaram mesmo por sofrer uma queda acentuada nos primeiros dias, mais recentemente as principais criptomoedas registaram um forte crescimento. O que está por detrás desta variação?

Esta evolução tem a ver com duas realidades. A primeira é que, num cenário de guerra, a primeira coisa que falha para as pessoas são as caixas de multibanco. O facto de as pessoas ficarem privadas do acesso ao seu dinheiro levantá-lhes um problema que, até então, não se tinham deparado. Na Ucrânia este problema é uma realidade.

A partir do momento em que uma guerra cria um problema às pessoas e as impede de aceder ao seu dinheiro, temos o princípio desta evolução. Nos anos de 2008 a 2012 não ha-

via solução para este problema, como aconteceu com os lesados do BES que ficaram sem as suas poupanças. Hoje, há uma solução de ativo de refúgio descentralizado, onde podemos ter o nosso dinheiro salvaguardado. O que a tecnologia blockchain e os criptoativos permitem é uma solução prática, objetiva, funcional e imediata para resolver este problema.

São muitas as pessoas em todo o mundo que já doaram milhões em criptomoedas às organizações não governamentais que tentam defender a Ucrânia da brutal invasão russa. Poderão as bitcoin ajudar a moldar o futuro deste conflito?

Sim. A bitcoin é absolutamente agnóstica sobre qualquer interesse político ou geoestratégico. Esse seu carácter de moeda do planeta dá-lhe o direito potencial, ou real, de poder figurar-se como uma objetiva solução para este problema.



© Joana Silva

O Fred Antunes é CEO e fundador da RealFevr que em tempo recorde se tornou numa referência mundial para colecionadores que compram com criptomoedas saquetas virtuais com vídeos das melhores defesas ou golos de estrelas do futebol. Fale-nos um pouco mais sobre este projeto e de que forma veio revolucionar este mercado?

O projeto na RealFevr consistiu, sobretudo, em transformar a empresa de um modelo de Web2 para um modelo de Web3, utilizando uma plataforma totalmente descentralizada assente em tecnologia blockchain. O sucesso da RealFevr é inerente ao facto do nosso plano de internacionalização e expansão não precisar de escritórios físicos em nenhum sítio do mundo. A RealFevr vende para o mundo inteiro, a partir de Lisboa, o que significa que o número potencial de clientes que podemos ter é substancialmente ampliado, quando comparado com outro modelo tradicional.

Para além disso, a RealFevr reinventou o modelo tradicional das saquetas físicas, tornando-as exclusivamente digitais. Em vez de um cromo físico com uma fotografia do jogador, é muito mais interessante ter um vídeo onde a arte em movimento do atleta está corretamente representada.

A RealFevr surgiu com o objetivo de revolucionar o mercado das Fantasy Leagues. Os NFTs desportivos são equiparados aos cromos, da era digital. É um mercado que vale milhões com as start-ups portuguesas na linha da frente. Como se têm vindo a destacar as empresas portuguesas neste mercado?

Acho que as empresas portuguesas acabam por beneficiar do ecossistema que temos em Portugal, que é muito bom do ponto de vista técnico e muito pouco politizado. Por outro lado, Portugal tem condições regulatórias que também são



© Joana Silva

bastante favoráveis e que tornam mais fácil o recrutamento, o crescimento da equipa e o acesso à informação. Para além disso, e verdade seja dita, nós portugueses somos cientificamente muito, muito bons. O problema é que às vezes somos subvalorizados pelo nosso Governo, que prefeira privilegiar os estrangeiros a vir para Portugal do que dar condições aos portugueses para sejam ainda melhores do que já são.

Como avalia a recetividade deste tipo de produto? A digitalização da sociedade, potenciada pela transformação digital tem contribuído para o aumento da procura deste tipo de produtos?

Sim. O grande acelerador desta transformação digital foi a pandemia. As pessoas começaram a abrir a sua mente, a pensar fora da caixa, e começaram a conhecer mais sobre o mundo digital. Isso veio agilizar dezenas de situações.

A RealFevr beneficia, em potencial, de poder contar com o inegável talento tecnológico presente em Portugal e com o talento futebolístico dos jogadores portugueses?

Claro. Essa foi uma das oportunidades que identificámos. Portugal, para 10 milhões de habitantes, consegue ter uma exportação de talento desportivo incrível e é claro que o futebol é o epicentro, o ex-líbris. Temos uma seleção nacional campeã da Europa, que compete ao mais alto nível, temos jogadores nos principais clubes do mundo, temos o melhor jogador da Premier League do ano passado. A RealFevr identificou aqui uma clara oportunidade de negócio. No fundo, fundiu o melhor dos dois mundos e acho que até agora está a correr muito bem.



MIGRAÇÕES

Imigração, uma nova Era

A história tende, efetivamente, a repetir-se! Passado meio século da época dos Descobrimentos, Portugal volta a estar nas bocas do Mundo e ser conhecido pelos mais variados motivos – do desporto, à cultura; da aposta das empresas multinacionais, ao próprio crescimento económico mais recente. E se há 500 anos o mundo foi a casa para os nossos muitos marinheiros e exploradores, agora Por-

tugal torna-se um destino preferencial para vários cidadãos do mundo, verificando-se um crescimento sem precedentes de famílias inteiras que aqui colocam as intenções de fixar residência.

Do ponto de visto social, cultural e histórico, os motivos que estão a fazer de Portugal um dos países favoritos para migrar podem ir desde as relações históricas, e acordos políticos

daí subsequentes com vários países à volta do globo, passando pela nossa relativa estabilidade social e política e pelo facto de ser a quinta língua mais falada em todo o Mundo, até às próprias facilidades vigentes na nossa Lei dos Estrangeiros para regularização no nosso país.

Salientam-se entre os motivos mais atendidos para escolher Portugal como destino migratório a segurança,

o clima, as facilidades de deslocação dentro do próprio país e a estabilidade sociopolítica, a educação, o sistema de saúde e a nossa tranquilidade e hospitalidade enquanto povo. Porém, é a questão da segurança que impera no momento da decisão da esmagadora maioria daqueles que elegem Portugal para residir. Segundo um estudo, divulgado em finais de junho do ano passado, apresentado pelo Instituto Internacional de Economia e Paz, Portugal foi colocado em 4º lugar como país mais pacífico do Mundo. Esta classificação deve-se aos baixos índices nas taxas de crime, de terror político, de militarização e de conflito interno. Num período em que tantos países em torno do globo vivem uma quase constante sensação de medo, insegurança e tensões políticas, Portugal torna-se como que um porto de abrigo para as variadas nacionalidades. Ao fim de ao cabo, cerca de meio milhão dos habitantes em

Portugal são cidadãos estrangeiros portadores de Título de Residência. As nacionalidades mais representativas desta nova vaga de imigração são: Brasileiros, Ucranianos, Chineses, Angolanos, Franceses, cabo-verdianos, romenos e italianos.

Quer isto dizer que esta nova vaga de imigração tem contornos totalmente diferentes das anteriores. São essencialmente profissionais altamente qualificados, que vêm para Portugal trabalhar e investir na área das tecnologias da Informação e também reformados, ou pessoas que vivem que rendimentos próprios, provenientes do seu país de origem ou fruto de trabalho que podem desenvolver remotamente.

Há também um aumento significativo dos pedidos de vistos e autorização de residência para estudo (ensino superior, mestrado e doutoramento) e investigação.

Cumpre ainda referir que desde 2017

que Portugal apresenta um saldo migratório positivo, ou seja, foram mais as pessoas que entraram em Portugal do que aquelas que emigraram.

Espera-se agora que o contributo desta nova vaga migratória se verifique também num aumento da natalidade e, consequentemente, um decréscimo no envelhecimento da população. Note-se que em 2020 as mulheres estrangeiras foram responsáveis por 12% dos nascimentos registados em Portugal.

Por tudo isto, podemos entender que Portugal já não é somente um país de marinheiros e exploradores e, com o Tempo e a História, evoluímos para uma nação do mundo e para o mundo, convertendo talentos em matéria-prima para crescimento interno, simultaneamente oferecendo a segurança necessária para os que decidem investir num novo rumo para as suas vidas e criar novas raízes “no país à beira-mar plantado”.



Gilda Pereira
CEO Ei! Assessoria Migratória

| CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Um olhar crítico sobre os 50 anos do EPE*



Cinquenta anos após a criação no Luxemburgo dos primeiros cursos de língua e cultura portuguesas para os filhos dos emigrantes portugueses, ocorre-nos perguntar: Como chegamos aqui a 2022 com um EPE articulado com a Estratégia Global para a internacionalização da língua portuguesa por opção dos governos desde 2010 em matérias de políticas linguística e educativas para as crianças e jovens lusodescendentes desde o pré-escolar e ensinos básico e

secundário? Temos, pois, uma imposição ideológica em que os lusodescendentes são obrigados, no processo de ensino e aprendizagem, a aprender o Português como Língua de Herança (PLH) como sinónimo de Língua Estrangeira (PLE) seguindo conteúdos programáticos, usando materiais didáticos e sendo avaliados por descriptores avaliativos para o PLE como se fossem estrangeiros com uma competência nula em português.

* Ensino de Português no Estrangeiro



Nestas cinco décadas podemos distinguir dois ciclos no EPE. Um que atravessa o período de 1972 a 2010 e um outro que decorre de 2010 ao presente.

O primeiro ciclo é caracterizado na sua fase inicial pelo enunciado constitucional de 1976 que assegura aos filhos dos emigrantes o direito ao ensino da língua e o acesso à cultura portuguesa. Nesta conformidade, os políticos tiveram de refletir e tomar decisões sobre as seguintes perguntas: i) O que é uma língua e para que serve em contextos migratórios? ii) Será importante uma língua ser preservada e desenvolvida no sentido de continuar a viver? iii) O que se pode fazer para fortalecer uma língua em contexto diaspórico visando a sua vitalidade?

A resposta a estas perguntas foram sistematicamente ignoradas através de práticas políticas onde sempre prevaleceu

o critério do desinteresse. Durante mais de três décadas as políticas de língua e ensino foram sempre alvo de políticas de laissez-faire e de soluções ad hoc. Importa salientar que jamais foi realizada uma qualquer avaliação sistemática ao EPE, não tendo o Conselho das Comunidades Portuguesas (CCP) sido consultado, muito embora ter apresentado em 2007, 2009 e (2012) uma proposta sobre “Um projeto autonómico para a preservação e desenvolvimento das língua e cultura portuguesa nas comunidades” com o propósito de travar a mudança linguística logo na segunda geração e conquistar os lusodescendentes para um projeto de vida identificado com Portugal.

De quando em vez surgiam algumas reações por parte de políticos responsáveis sobre o seu próprio desinteresse como, por exemplo, de José Cesário no Plenário da As-



sembleia da República em 2006 “ Raramente as instituições políticas em Portugal se debruçam sobre a realidade da emigração portuguesa. Na prática são cinco milhões de portugueses que são sistematicamente esquecidos pouco parecendo contar para o presente e o futuro do país (...) Aqui nos bateremos para reformar o Ensino da Língua Portuguesa no estrangeiro que acabem com as discriminações chocantes do modo como Portugal trata as diferentes comunidades”

Ao iniciar-se o segundo ciclo em 2010 quais são as respostas dos políticos à pergunta “ Para que serve a língua nas comunidades?”

António Braga (2010) afirmava “O seccionamento de objetivos em matérias de políticas de ensino na tutela do EPE no Ministério dos Negócios Estrangeiros(MNE) que o por-

tuguês Língua Materna (PLM) se encontra descentrado desses objetivos, defendendo mesmo que os pais adotaram a língua do país de acolhimento na comunicação com os filhos , isto é , que a socialização primária fosse feita em francês, alemão etc..

Ana Paula Laborinho, presidente do Camões I.P., (2012) declarava que “ O ensino de português enquanto LM pode acabar em alguns países porque o objetivo é a sua integração nos sistemas de ensino no estrangeiro”

José Cesário (2012) afirmava “Estamos no ponto zero porque não existirem programas, materiais didáticos adequados e formação de professores. Há quem entenda que a opção deveria ser o ensino de português como LM . NÓS entendemos que NÃO tem de ser assim” Logo a seguir é introduzida a propina no EPE.

Nos Governos seguintes de 2015 até ao presente, o Partido Socialista nas primeira e segunda legislaturas vem anunciando uma visão estratégica partilhada com as Comunidades Portuguesas e uma rutura com as políticas do passado, ao mesmo tempo que dá continuidade com José Luís Carneiro e Berta Nunes às orientações seguidas pelo Governo do PSD, sustentando as suas opções para o EPE em políticas linguística e educativas centradas num pragmatismo ideológico.

Em 2022, voltamos a insistir na pergunta ao poder político : O que é uma língua e para que serve nas comunidades portuguesas? Haverá vontade política para uma visão estratégica partilhada com o CCP e o início de um terceiro ciclo no EPE, quebrando o desinteresse pela defesa da língua portuguesa nas comunidades?

Entendemos para que se vença esse desinteresse será necessário a adoção de uma outra alternativa dentro do PLH em que a Língua seja o Português Língua Materna ou Língua Primeira e que a Herança seja consubstanciada num sentimento de identificação e de pertença dos lusodescendentes a uma comunidade e a Portugal. Sendo assim, o Governo partindo do ponto zero deverá investir em

programas, materiais didáticos, formação de professores e investigação didática da língua em contexto migratório. Esta nova alternativa terá o propósito do Governo Português deixar de colaborar, como tem feito até ao presente, com os países de acolhimento na integração linguística e cultural dos lusodescendentes.

O Governo não deve, na sua ação política, confundir assimilação cultural com integração culturalmente diferenciada e recusar o multiculturalismo , o respeito pela diversidade de um mundo com mais de sete mil línguas e culturas.

Temos afirmado há longos anos o facto de Portugal nunca ter pensado a sua diáspora em termos de língua, cultura, nem de nunca ter tido uma verdadeira política de língua, cultura e identidade para os portugueses no estrangeiro e lusodescendentes. Infelizmente com os partidos políticos no poder tem proliferado a retórica de circunstância e escazeado a ação. Os responsáveis por isso têm nome e todos os governos em regime democrático acumularam em tal matéria omissões, erros e atrasos que não podem ser esquecidos, para que a História a fazer um dia saiba o que se passou.



Amadeu Batel
Vice- presidente do Conselho Permanente do Conselho
das Comunidades Portuguesas

| OS MEDIA DE LÍNGUA PORTUGUESA PELO MUNDO

Jornal Luso-American América do Norte



Bissemanal, quartas e sextas
Leitores em 46 Estados Americanos
Distribuição:
Assinantes e pontos de venda
33.000 Exemplares
Fundado à 94 anos



Quando e como nasceu o jornal Luso-americano e quem foram os seus fundadores?

O jornal Luso-American foi fundado por Vasco Jardim em 1928 e desde então tem-se afirmado como porta-voz das comunidades portuguesas em todo o país.

Com que apoios contaram para iniciar este projeto?

Não contamos com quaisquer apoios oficiais para além dos subscriptores e da publicidade.

Quais as motivações que estiveram na base deste projeto?

As motivações foram a ligação intercomunitária. Todos querem saber o que se passa nas outras comunidades. Só em

Newark e áreas circundantes vendemos mais de 15 mil jornais por edição. Em virtude das páginas de classificados há muitos leitores hispânicos que procuram emprego e americanos que pretendem comprar, vender ou alugar as suas casas.

Como foi realizada a transição para o online? Em que medida se justifica continuar a publicação em papel? De que modo se realiza a distribuição? Em que locais se pode adquirir o jornal?

A edição online começou em 2016 e já tem sucesso. Mais de mil leitores já leem o nosso jornal na internet. Muitos optam também por fazer publicidade na edição digital por estar disponível com algumas horas de antecedência. É publicado às quartas e sextas com leitores em 46 estados americanos. Tem uma tiragem média de 33 mil exemplares, com a maior parte enviada por correio para os assinantes e o restante distri-



<https://lusоamericano.com>

buído por cerca de 300 postos de venda nas áreas de Nova Iorque e New Jersey. Possuímos cerca de duas dezenas de correspondentes nas comunidades de maior expressão nos Estados Unidos, desde a Califórnia à Nova Inglaterra. É importante referir que possuímos assinantes há mais de 50 anos. Possuímos um arquivo em papel do jornal desde a sua fundação e está completamente digitalizado e tem servido para inúmeras teses académicas. Temos uma rede própria de distribuição que levanta o jornal da gráfica, pela uma hora de Newark e posteriormente procede à distribuição pelas comunidades a qual demora várias horas.

Quais as temáticas mais interessantes para os leitores de outrora e do presente?

Optamos, no contexto editorial, por dar destaque às comunidades portuguesas, notícias de Portugal que interes-

sam às comunidades e notícias americanas com relação direta com as comunidades. De uma forma geral destacamos também os portugueses de sucesso e as iniciativas dos clubes e associações. Em relação ao passado, as comunidades eram maiores e tinham outra expressão. Atualmente o congelamento da emigração tem sido prejudicial ao aumento das comunidades. Continuam a ser os ranchos folclóricos os grandes transmissores da promoção da cultura popular. Cerca de 5 mil jovens dividem-se por dezenas de grupos etnográficos aos quais dedicam o seu tempo livre. O sistema escolar tem ajudado, sobretudo onde ainda há escolas portuguesas, que é o caso de Newark, Elizabeth, Long Branch, Lodi, Harrison e outras. Por exemplo, A escola Luís de Camões já teve 400 alunos e hoje está reduzida a pouco mais de 100. Atualmente o jornal é propriedade da família Matinho, António e Natália e do filho Paul. A redação é composta por sete jornalistas.



António Matinho e o filho Paul

O jornal “Luso-American” foi fundado em 1928 em Newark, New Jersey, por um grupo de portugueses da qual faziam parte o Dr. J. Lobo, o Dr. M. Conceição Junior, Manuel Castro e Valentim Rocha. O arranque não foi fácil. Era reduzido o mercado existente para um jornal em língua portuguesa. Segundo o Censo de 1930, residiam no estado de New Jersey apenas 6209 portugueses, 4411 dos quais nascidos em Portugal. Por outro lado, na economia americana afloravam os primeiros sintomas da profunda recessão económica que marcaria o fim da década e o início dos anos 30. O jornal não resistiu.

Em Dezembro de 1939, o título foi retomado por Vasco Jardim, que lançou o jornal que é hoje o “Luso-American”, sendo seu diretor até 1979, ano em que o passou ao seu genro António Matinho. Em 1988, tornou-se um bi-setmanário, estatuto que mantém, sendo publicado à quarta e sexta-feira. Em 1998, a redação e a secção de publicidade do jornal foram instaladas num prédio moderno situado no 66 da

Union Street, Newark, permanecendo o escritório no endereço “histórico” do jornal 88 Ferry Street, Newark, onde foi a sua sede desde 1944; em 2019, a administração do jornal decidiu consolidar toda a sua operação no edifício-sede da Union Street, onde hoje se mantém. Nesta estão localizados os departamentos de distribuição, contabilidade, serviço ao cliente e livraria. Em 2010, o LUSO-AMERICANO lança o seu portal, onde presentemente é também possível ter-se acesso a vários conteúdos noticiosos e de carácter comercial (no-meadamente a sua extensiva secção de classificados).

Fazem parte do corpo redatorial deste bi-setmanário 5 jornalistas a tempo inteiro, vários colaboradores e dezenas de correspondentes. António Matinho é o diretor executivo do jornal, Paul Matinho é o diretor de operações e o chefe de redação Henrique Mano. Presentemente, o “Luso-American” é o único órgão de informação em língua portuguesa com circulação nacional entre as comunidades portuguesa e brasileira nos Estados Unidos.

A R T E S E A R T I S T A S L U S O S

Helena Amaral

Facebook



Trazia na bagagem seus pincéis, tintas e um sonho de desenvolver aquilo que tinha aprendido. Os Açores foram um refúgio para pintar, um isolamento muito diferente do que sentiu na ilha de Moçambique. Helena Amaral é licenciada pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, onde concluiu o curso de Artes Plásticas. Já expôs em várias ilhas, no continente português e sua arte encontra-se em coleções privadas por vários países. Ao longo de quase quarenta anos dedicou-se à pintura, e nela e através dela percorreu caminho labirintos feitos de cor, lugares, vivências passadas e presentes. Com a cor cessou temporariamente e lançou o seu olhar às pedras da ilha e delas começou a esculpir sorrisos das bombas de lava da ilha montanha.

Professora aposentada, agora dedica-se mais ao projeto dos Sorrisos de Pedra, que inclui um roteiro de mais de 200 esculturas a dar a volta à ilha do Pico, nos Açores.

Em 1952 nasceu em Vila Nova de Gaia. O que se lembra das décadas de 1950 para 60?

Da infância lembro-me dos tempos felizes. Brincar, andar nos campos. Vivia entre o campo e a cidade do Porto onde o meu pai lecionava e íamos regularmente. A vida no campo proporcionou o encanto pela natureza. Com 8 anos lembro-me de ir ajudar semear batatas no terreno da própria casa. Tínhamos flores por todo o lado. Rosas, um vermelho lindo de veludo. O fascínio pela cor vem daí. Três cores principais na memória de criança: roxo das tulipas, amarelo das azedas e magenta de uma planta espécie trevo. Os campos floriam de cor. Eu cresci com a cor, e isso é o que me lembro sempre dos tempos de criança.

Só quando foi para Moçambique começou a pintar e desenhar. Como foi essa experiência?

Moçambique foi uma experiência muito rica. Desfrutava de uma liberdade onde não havia barreiras, embora a comunidade branca tivesse os seus hábitos. Fui a África do Sul tirar um curso e só quando voltei à ilha de Moçambique senti que era realmente uma limitação, um cerco, e comecei a pensar em sair. Da África do Sul trouxe na memória a estrelícia e a prótea. Sobre contraplacado comecei a pintar com guache. Eram os indianos goeses e paquistaneses que mandavam vir da China as tintas. Lembro-me a loja era numa esquina perto de casa. Era a loja que mais me encantava por ter pincéis e guaches. Para conservar a pintura dava verniz de banana. Comecei a pintar flo-

res. Fazia exercícios a partir de caixas de chocolates que tinham flores. Foi aí que comecei a pintar e desenhar, tinha eu por volta dos 18 anos. Fui bancária por dois anos devido a meu pai. Mas não me satisfazia. Ainda não tinha bem o meu rumo. Pintava como forma de isolar e ultrapassar o limite que sentia da própria ilha.

Porquê o regresso a Portugal?

Não estava satisfeita em África. Com a família tínhamos ido a Lisboa quando eu tinha 20 anos e um ano mais tarde disse a meus pais que queria voltar a Lisboa para estudar artes. Fui para o Externato de Marques de Pombal e depois para a António



© Pedro Silva



Arroios, porque queria ser desenhadora de tecidos, influenciada por um vendedor de capulanas em Moçambique. Geometria descritiva, desenho, cerâmica, mas não era bem o que pretendia. Depois de 4 anos já podia ir dar aulas, mas como não me dava suficiente decidi entrar na faculdade.

Foi então que entrou para as Belas Artes?

Manhãs na Escola de Belas Artes, trabalhava na Brisa à tarde e ao final do dia voltava às Belas Artes para teoria. Muitas disciplinas. Pensava que era o que queria, mas foi uma desilusão. Não éramos livres de criar por nós próprios. Os Mestres tinham as suas diretrizes e os alunos tinham que executar o que eram mandados. Aquela subjetividade caia sempre mais que a objetividade e tive dificuldade. Destacava-me na área do desenho, mas não no modelo. Criatividade na composição, em compor, a partir de. Na pintura não foi fácil. Terminei as Belas Artes sempre trabalhando e estudando.

Como chegou aos Açores?

A nostalgia de África nunca tinha desaparecido. Tornei-me professora para me libertar da cidade. Vim parar aos Açores, sem saber que existia. Apenas tinha ouvido falar da Madeira, mas nada dos Açores. No dia dos meus anos, em 1989, cheguei à ilha do Faial. Uma angústia. Senti-me perdida. A humidade. Não conhecia ninguém. Foi um desafio.

Neste tempo a pintura já era forte na sua vida. Começou a expor assim que chegou aos Açores?

Comecei a expor desde a chega à cidade da Horta e mais tarde nas outras ilhas. Uma grande exposição



© Pedro Silva

de pintura percorreu várias ilhas, patrocinada pelo departamento da Cultura dos Açores, com notas de Victor Rui Dores. Essa foi a exposição que me levou a muitas ilhas. E agora, estamos fazendo esse mesmo tipo de percurso, mas com as esculturas.

Chegou a um ponto que parou de pintar. Mas voltou à arte através da escultura. Porquê essa transição, numa idade já avançada?

Cheguei a um ponto que parei mesmo. Digo que foi fruto da idade. Parece que houve um corte. Agora olho para trás e nem sei como pintei tanto. A criação é um prazer, um apetite por criar na tela, e recriar vivências que na vida real não se conseguem. E foi um período de encantamento, desses encontros sonhados através das formas em espaços. E depois esse prazer que eu tinha deixou de existir. Isto é, libertei-me de qualquer paixão. E ao libertar-me

deixei de me expressar por dois anos. Os Sorrisos vêm na ausência das telas. Da pintura, eu passo para a pedra, como que reunir, construir uma nova paixão centrada no rosto.

E nunca mais parou. Desde que encontrou esta nova paixão na pedra da ilha do Pico tem sido um fervilhar de criação.

Tive ainda uns anos de experimentação antes dos Sorrisos, transferindo as minhas paixões geométricas em forma de animais e máscaras. Isto antes de chegar aos Sorrisos de Pedra, onde encontro novamente a paixão. Toda esta movimentação artística vem numa busca de mim própria dos afetos, da relação, mas que eu me submeto nesse caminho. A relação que tenho com os Sorrisos é algo que não se pode ter com um ser humano. Não me desiludem, não se divorciam. E acho que vou fechar o meu ciclo



© Pedro Silva

de vida artística com os Sorrisos. Não é a pedra, é o sorriso que consigo dela com a rebarbadora.

Os Sorrisos de Pedra têm vindo a seduzir muita gente. O roteiro com mais de duas centenas de esculturas a dar a volta à ilha do Pico; uma exposição itinerante que pretende chegar às 9 ilhas dos Açores, e

que já foi ao Porto; uma dança contemporânea; um livro de poesia; série de fotografias; e a celebração do Dia do Sorriso que faz parte das novas tradições. Como vamos terminar esta conversa?

O sorriso revela a personalidade do rosto, mas revela muitas mais coisas que nem sabemos. Os Sorrisos calam no silêncio.



Terry Costa
Presidente do Conselho Cultural da AILD



| A M B I E N T E

Uma janela com vista para a mina

Pelas terras de Barroso, em poucos anos, a chiadeira característica dos carros de bois, deu origem ao vaivém de camiões, com seus potentes motores movidos a combustíveis fósseis, em nome da transição energética, diziam. A dinâmica e o movimento tinham regressado à terra. Uma parte do povo, em alarido, vociferava: - Isto não é uma mina, é uma bênção divina! Ainda hoje não se sabe muito bem se seriam apenas caixas-de-ressonância da propaganda oficial “goebbliana” ou se, na sua inocência, acred-

itariam mesmo naquelas palavras. Também não se sabe se estes seriam os gordos, os fumadores e os bêbados, ou os outros.

Naquele tempo, foi-lhes dito que ter uma janela com vista para a mina seria privilégio de poucos. Um chalé alpino nas proximidades, privilégio de muitos menos. No topo da serra, como uma espécie de salvaguarda providencial sobre todo o empreendimento mineiro, com acesso vedado ao comum dos mortais, duas imponentes construções de fazer



inveja ao povo. Uma seria do “presidente”, outra do “dona da mina”, amigos de longa data, na vida e nos negócios. No dia-a-dia, o reboliço na terra, era evidente. Gente, muita gente. Progresso, quanto bastasse. O Eldorado barroso estava a viver o seu apogeu. Para trás tinham ficado anos de despovoamento, de abandono da terra e os tempos de miséria. Em pouco tempo, fazendo jus às previsões de um visionário, o PIB da região disparou para níveis inimagináveis. E de repente, como se de um passe de mágica se tratasse, a taxa de natalidade atingiu níveis nunca antes vistos por aquelas terras e, até se dizia que, aquele exemplo seria replicado noutras latitudes, pois parecia ter sido resolvido o problema da falta de renovação geracional. Para quê ir mais longe, afinal, a solução estava mesmo ali, à boca da mina. Com a proliferação de novos nascimentos outras necessidades prementes foram surgindo. Era preciso construir creches, um centro de saúde e porque não, uma nova maternidade, e novas escolas e até uma universidade, numa antecipação lógica de um futuro promissor. E se rápido o pensaram, mais depressa o executaram, sem derrapagens orçamentais e sem corrupção.

O sucesso do empreendimento catapultou a região de Barroso para o estrelato das zonas In em termos empresariais e, sobretudo, pelo invejável modus vivendi do povo.

A onda migratória crescia numa proporção nunca vista. Os filhos da terra regressaram e muitos outros se puseram a caminho, atraídos pelas promessas do “sonho barroso” que, à semelhança do “sonho americano” assegurava uma terra de oportunidades para milhões de pessoas, entre empregos directos e indirectos, subsídios para tudo e para todos, regalias e outras mordomias nunca imaginadas. Em suma, um destino de eleição para todos aqueles que aspiravam a uma vida melhor. Uma verdadeira “mina” de oportunidades. Eram aos milhares. Lembro-me como se fosse hoje. Lembro-me de ver aqueles olhos esbugalhados ansiosos pelas oportunidades difundidas pela propaganda – riqueza para todos, igualdade de oportunidades, o sucesso ao virar da esquina e uma prosperidade sem precedentes. Importava garantir o paraíso na terra, porque o céu podia esperar.

E turistas!? Nunca vi tantos turistas por metro quadrado. Entre as principais atracções estavam, a máquina aspiradora de pó, os passadiços circundantes à mina e a lagoa azul.



Sobre a máquina que aspirava o pó, os turistas diziam que nem um grão de areia lhe escapava. Quem era eu para duvidar das palavras deles, pois, passavam horas extasiados a observar aquela geringonça. Qual robot de aspiração caseiro, em escala colossal. E os “putos”, lá em baixo, divertiam-se a manobrar o dito artefacto.

E os passadiços!? Ai aqueles quilómetros de passadiços entranhavam-se-lhes na memória. Tal como a janela com vista para a mina, também aqueles passadiços possibilitavam uma maravilhosa vista sobre a mesma.

Todavia, o ex-libris do espaço era a lagoa azul que, dependendo dos dias, também se podia apresentar verde, amarela ou alaranjada. A diversidade de colorações proporcionada por aquela lagoa era sempre uma caixinha de surpresas. Os turistas deliciavam-se com aquela imprevisível paleta de cores. Para eles, ver sempre o mesmo, era sinónimo de monotonia. Aquela gente entediava-se com o verde da natureza - a maçada de ver sempre o verde. Mas havia mais: daqueles passadiços monumentais, levantando a vista, ao longe, podiam ver o Gerês, aquele amontoado de serras inóspitas a que chamavam de parque nacional.

Muitos dos que vinham, acabavam por ficar. Os dias eram passados no café, entre o fumo das notas, o cheiro intenso a

enxofre e as selfies com a “paisagem lunar” a servir de pano de fundo. Pela noite dentro, os decibéis começavam a ecoar no planalto. As explosões que se assemelhavam às batidas graves das discotecas nos anos 80, atraíam muita gente à terra, entre eles, alguns saudosistas da época e jovens - muitos jovens - que não viveram as loucuras dos anos oitenta, mas gostariam de ter vivido. Gente que dispensava uma boa noite de descanso, mas não os decibéis que ecoavam no planalto. Muitos deles encontravam-se ainda a recuperar dos traumas causados pelo fecho forçado dos espaços de diversão nocturna em tempos pandémicos. Era a realização de um sonho, diziam uns, o reviver da nostalgia de uma época, enunciavam outros.

Entretanto, os anos passaram, a mina fechou e tudo o vento levou - as poeiras, os sonhos, o dinheiro e o futuro. A máquina aspiradora de pó enferrujou, os passadiços quebraram, as pessoas partiram. Ficaram as terras esventradas, as velhas janelas com vista para a mina e a lagoa, ora azul, ora verde, ora amarela ou alaranjada. Antes do pano cair, no cimo do monte, nos seus chalés alpinos, o “presidente” e o “dono da mina”, lado a lado, partilhavam juntos os últimos momentos, fumavam as últimas notas, à espera que, também a eles, o tempo os levasse...

O autor não aderiu ao novo acordo ortográfico



Vítor Afonso
Mestre em TIC

O Amor e a Morte

*Sobre essa estrada ilumineira e parda
dorme o Lajedo ao sol, como uma Cobra.
Tua nudez na minha se desdobra
— ó Corça branca, ó ruivo Leoparda.*

*O Anjo sopra a corneta e se retarda:
seu Cinzel corta a pedra e o Porco sobra.
Ao toque do Divino, o bronze dobra,
enquanto assolo os peitos da javarda.*

*Vê: um dia, a bigorna desses Paços
cortará, no martelo de seus aços,
e o sangue, hão de abrasá-lo os inimigos.*

*E a Morte, em trajes pretos e amarelos,
brandirá, contra nós, doidos Cutelos
e as Asas rubras dos Dragões antigos.*

Ariano Suassuna

Seleção de poemas Gilda Pereira

| SAÚDE E BEM ESTAR

Ser pai



O dia do Pai chegou e para assinalar esta data que se esforça por recordar aos pais a importância do seu papel na educação e vida dos filhos, mas que também, curiosamente, se esforça por incentivar os filhos a dizerem o quanto

gostam e amam os pais, foi-me pedido um pequeno texto com o título “eu Pai, eu Psicólogo”. Logo eu, cuja experiência em ambas as facetas é ainda tão jovem. Não considero que ambos os papeis sejam comparáveis e

se o são, são-no tanto ou tão pouco como a experiência de escrever algo (de opinião) através do qual me irei expor a tantas outras perspetivas e opiniões. Um pouco como pai, que acaba por aqui ou ali ficar debaixo do olho de quem observa a “arte de quem educa”, principalmente quando a exigência das circunstâncias assim o dita (refiro-me aquelas desconfortáveis experiências que, imagino que a tantos pais também, e mães, nos reportam e quase transportam para uma vivência emocional quase adolescente).

A responsabilidade entre escrever um texto e educar uma criança só seria próxima se eu fosse um género de Dalai Lama, ou Papa Francisco, que quando falam tocam milhões. Lembro-me de ter assistido num documentário (não me lembro qual nem quando), que estimava o número de pessoas que em média uma pessoa conhece em vida (também não me recordo quantas). Onde quero chegar é que uma criança tem um potencial tremendo, e como pai sinto-o como uma responsabilidade enorme que de certa forma tenho de relativizar para não cair em dramas. Enquanto psicó-

logo, a responsabilidade é igualmente grande, ou não existiria um código ético e deontológico que procura nortear a prática, nem uma vontade interior de fazer a diferença na vida de pessoas que de certa forma não estão a conseguir melhor (por si ou por meio de outras estratégias). É certo que se vejo um filho meu como criança com potencial tremendo, assim o vejo toda e qualquer outra criança, e ter assumido o papel de psicólogo de crianças, jovens e adolescentes.... Acho que o fiz com a mesma ideia que tinha quando enquanto adolescente dizia convicto “Eu? Quero ter uns 5 filhos!”. Que vontade de rir me dá agora

Pensar no ter sem pensar na manutenção que esse algo que se tem implica pode revelar-se uma verdadeira aventura. O pânico que senti quando soube que vinha o segundo (sim, porque nenhum dos dois foi planeado), bateu numa parede que soou a música para os meus ouvidos e algodão doce para o meu coração “Na vida tudo se cria!”. Que bom, talvez a filosofia Carpe Diem se aplique à parentalidade como uma luva.

Como psicólogo, a responsabilida-

de que sinto ainda não encontrou parede semelhante. Antes pelo contrário! Sedento de Agostinho da Silva por quanto mais o conhecia, que acabei, durante a formação, perante um enorme precipício. “A psicologia é uma ciência pela qual tive sempre a maior das desconfianças porque sempre me pareceu uma detestável e condenável intervenção na vida alheia, uma quebra do que existe de mais sagrado, a intimidade espiritual de cada um.” Que tinha feito eu ao escolher tal via profissional? Que papel poderia eu desempenhar que melhor serviria a determinadas necessidades da criança, que os pais não pudessem suprimir?

A responsabilidade para com os pais sinto-a como um enorme desafio. Responsabilidade pelo respeito à individualidade de cada um e à sua história. Respeito porque quando percebo... tenho os meus telhados de vidro. Deparar-me com crianças com as mais diversas dificuldades, sejam sociais, comportamentais, psicológicas ou emocionais, e constatar que tantos dos pais procuraram e procuram dar o melhor de si, numa luta que se estende a tantos outros dos seus papéis.



Pai e mãe, marido e esposa, trabalhador e trabalhadora, homem e mulher, filho e filha... Hoje li que pai presente será sempre um herói para o seu filho (Acho que queriam escrever presente com letra maiúscula). Assim o será cada mãe, e provavelmente com poderes mais complexos e polidos.

Que erros estarei eu a cometer enquanto pai achando que estou a fazer o melhor? E como psicólogo? Sim, porque um psicólogo também é pessoa e também erra. Ainda que agarrado à responsabilidade e brio de querer e fazer por ser melhor profissional a cada dia.

Como psicólogo, gosto de me ver como um facilitador da condição humana.

Como pai, não consigo encontrar as palavras. Talvez, e lá

está o drama, como um corajoso que diariamente procura estar para eles (são dois, um de 3 anos e meio e outro de 5 meses). Serei também aqui um facilitador da condição humana?

De certa forma soa a redutor num papel de pai. Mas não será mesmo isso ainda que numa escala diferente?

Como pai e como psicólogo, espero estar a contribuir para um mundo melhor. Sem grandes certezas, o que me recorda uma passagem do livro *A insustentável leveza do ser* de Milan Kundera. “O homem, porque não tem senão uma vida, não tem nenhuma possibilidade de verificar a hipótese através de experimentos, de maneira que não saberá nunca se errou ou acertou ao obedecer a um sentimento. Tudo é vivido pela primeira vez e sem preparação. Como



se um ator entrasse em cena sem nunca ter ensaiado” ... e continua “Nunca saberemos, de facto, se a intuição que nos determinou seguir certo sentimento foi correta ou não. Não há tempo para essa verificação. Por isso, precisamos de cuidar as nossas emoções com um carinho muito especial”
Não quero concordar ou discordar, mas a reflexão leva-me a que podemos e devemos fazer o nosso trabalho de casa para que enquanto pais e profissionais consigamos antecipar a antecipável.

Enquanto pai e enquanto psicólogo, cuidar das minhas emoções com um carinho muito especial, sem esquecer, cuidar dos outros com a mesma dedicação.

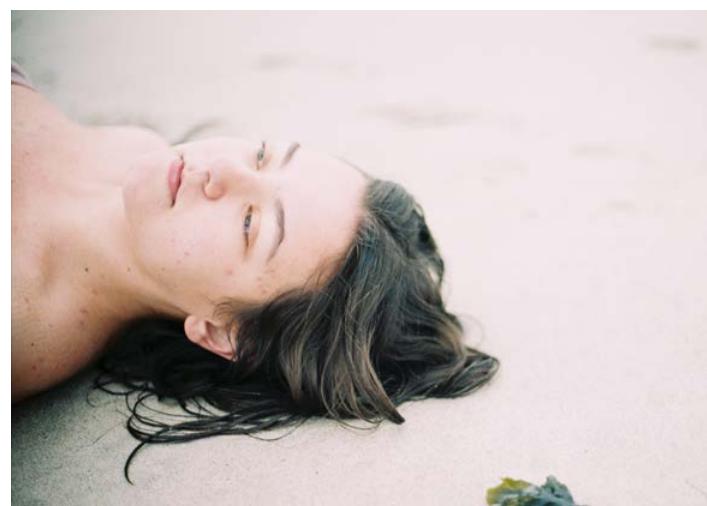
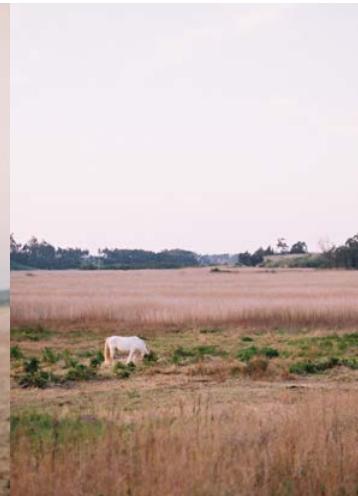
Feliz dia do pai a todos os pais!
Feliz dia a todas as mães!
Feliz dia a todos!

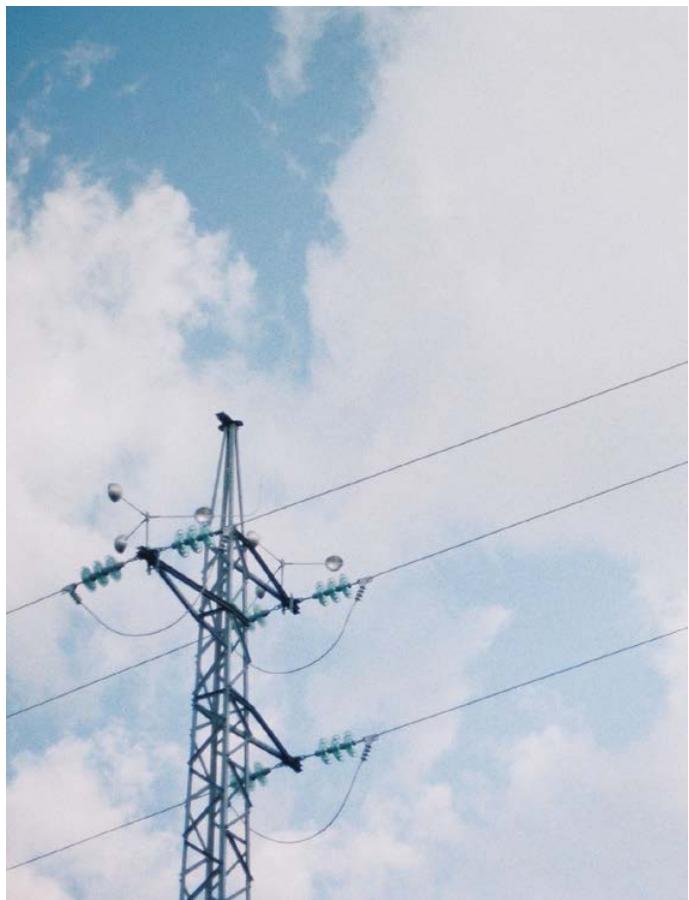


Nuno Duarte
Psicólogo Clínico - Centro How To



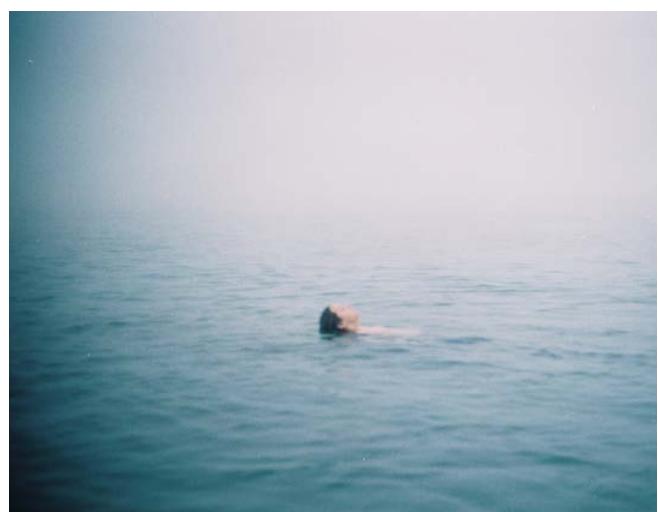
| PELA LENTE DE
Joana Silva





DESCENDÊNCIAS

MAGAZINE





Dez segundos de silêncio

Em média demoramos cerca de dez segundos a olhar para uma fotografia, essencialmente se ela contiver pouca informação e seja objetiva na mensagem que pretende dar a conhecer. E é exatamente esse tipo de fotografias que vos trago: objetivas na ideia que transmitem, mas subjetivas simultaneamente pelo facto de poderem ser sugestivas quanto ao seu entendimento. Cada vez mais estamos rodeados de estímulos que requerem a nossa atenção e que nos vão afastando de nós próprios e do nosso bem-estar e é precisamente aí que o silêncio tem um papel preponderante, porque para além de nos poder aliviar do stress diário, estimula o crescimento cerebral, aumenta a capacidade de atenção e proporciona-nos momentos de introspecção que certamente nos levam para mais perto da nossa essência e da paz interior que é tão procurada nestes novos tempos. Este conjunto de imagens traduz uma forma de silêncio. Transparece o amor partindo dos corpos de seres humanos e principalmente da sua pele. Aqui, far-se-á sentir um silêncio tão puro e, de certa forma, duro, ao mesmo tempo. Porque é assim que eu vejo o silêncio, como algo que pode estar presente mas não é físico, que não é visível mas é palpável, algo misterioso que nos dá um misto de paz e insegurança.

| COM LUPA: CÁ DENTRO

A aldeia presépio



Nestes tempos difíceis que correm é impossível estar a fazer uma proposta de roteiro que se adeque ao panorama atual de guerra. Temos a consciência que propor cenários paradisíacos soa até a um certo “escape egoísta”, mas o nosso real intuito é o de apresentarmos o que de melhor existe no nosso país, num momento em que ainda mais devemos valorizar tudo aquilo que temos e a vida que levamos.

Onde se situa?

Escondida numa encosta da Serra do Açor, a aldeia de Piô-dão surge com uma beleza singular concedida pelo seu enquadramento natural e pela sua antiguidade. De facto, a Serra do Açor fornece um ambiente memorável, pelas suas destacáveis características. Situada na Cordilheira Central, entre a Serra da Lousã e a Serra da Estrela abarca os concelhos da Pampilhosa da Serra e de Arganil, abrangendo uma área de 346 hectares. É aqui que encontramos a Paisagem

Protegida da Serra do Açor e o Sítio de Importância Comunitária Complexo do Açor, compostos por quatro sítios: Fajão, S. Pedro do Açor, Mata da Margaraça e Cebola. Nesta Serra deparamo-nos com uma vasta flora, constituída inclusivamente por espécies raras e/ou endémicas como a Jurinea humilis, a Teucrium salviastrum e a Narcissus asturiensis; afloramentos quartzíticos de enorme valor paisagístico e geomorfológico; cursos de água límpidos e várias espécies de aves, anfíbios e répteis, como a Accipi-



ter gentillis (vulgarmente chamado de açor), a Chioglossa lusitanica (comumente designada de salamandra-lusitânica) e a Lacerta schreiberi (usualmente identificada como lagarto-de-água). Destaque ainda para o ponto mais alto desta serra: o Cebola, a 1438 metros. Como com palavras é impossível descrever o insigne cenário que se contempla, a partir do Cebola, de toda a Serra e da natureza e pureza que a acompanham, deixamos à sua imaginação...

Roteiro pela aldeia de Piódão

Agora que já contemplou a ilustre Serra do Açor, está na hora de começar a explorar a aldeia de Piódão! Pegue no seu melhor calçado, porque o prazer desta experiência é o de percorrer a pé as ruelas sem rumo, para assim conhecer as histórias que aqui se ocultam. Com uma disposição em anfiteatro na sua composição e uma iluminação no-

turna distintiva, reúnem-se as condições perfeitas para a atribuição dada de “Aldeia Presépio”. Mas, o verdadeiro marco de individualidade é, inquestionavelmente, a predominância de construções em xisto, com as paredes, as coberturas e as lajes das habitações, todas neste material. À medida que atravessa cada uma das ruelas já deve ter constatado o azul que predomina nas janelas e nas portas. Quer tentar adivinhar o porquê de serem todas em azul? Na época, só existia uma loja que fornecia tinta, e como só tinha esta cor, e era difícil para as pessoas deslocarem-se até outros locais para comprarem (por causa do isolamento da aldeia), usou-se a mesma para todos. O certo é que hoje em dia é um pormenor fascinante que dá ainda mais personalidade a Piódão!

E, se estamos a falar de cores agora, a Igreja Matriz sobressai! Certamente que reparou imediatamente nela, por ser toda branca com detalhes em azul! Embora a sua construção remonte ao século XVII, nos finais do século XIX passou por uma reconstrução, devido ao seu péssimo estado de conservação. Por iniciativa e pelo projeto do Cônego Manuel Fernandes Nogueira, concebeu-se uma nova frontaria reforçada com quatro contrafortes cilíndricos com remate em coruchéus cónicos, construiu-se uma torre sineira e um coro alto. Não sabemos as explicações definitivas para esta concepção arquitetónica tão distinta das restantes na aldeia, ainda assim, presume-se que por causa do Cônego Manuel Nogueira ter tido um colega da paróquia de Mértola, nos seus tempos de seminário em Coimbra, o possa ter influenciado de alguma forma, já que são notórias as semelhanças entre a Igreja Matriz de Piódão e a Igreja Matriz de Mértola.

Para conhecer profundamente a aldeia, descobrir percursos pedestres e obter informações sobre as tradições, costumes e modo de vida da população tem que se dirigir até ao Núcleo Museológico de Piódão, que serve igualmente como Posto de Turismo. Além disso, pode comprar aqui artigos de artesanato, por isso aproveite para levar uma lembrança desta inesquecível terra!

Voltando ao realce das cores, vai reconhecer mais dois edifícios brancos, só que desta vez bem mais modestos e discretos que a Igreja Matriz. Tratam-se da Capela de São Pedro e da Capela das Almas. A Capela de São Pedro data possivelmente do século XVI por conter no seu interior uma escultura do orago S. Pedro, que dá nome à capela. A sua fachada é composta por uma porta em arco de volta perfeita, ladeada por dois postigos e encimada por uma pequena janela redonda. A Capela das Almas, fundada no século XVIII, foi intensamente remodelada no século XX,





sendo impossível de deduzir que esta antigamente serviu como capela mortuária, tanto de Piódão como de algumas aldeias vizinhas. No seu interior encontrará um retábulo em madeira com pinturas singelas que procuram representar as Almas do Purgatório.

Junto à Capela de São Pedro pode também admirar a Fonte dos Algares, que passa despercebida para um grande número de visitantes! Foi em 1968 que se construiu este ímpar chafariz, escavado numa parede de xisto. Distingue-se assim o seu arco ogival, com uma imagem de Nossa Senhora ao centro, num pequeno altar, que integra uniformemente a paisagem de Piódão.

Para saborear os pratos típicos, recomendamos o Solar dos Pachecos, onde se pode deliciar com as fatias de bucho de porco, a chanfana de cabra, os queijos curados e frescos, entre muitos outros petiscos, num ambiente acolhedor,

pensado exclusivamente para o seu conforto. Aqui servem pequeno-almoço, almoço, jantar e brunch. Aconselhamos ainda, a que aproveite para comprar antes de se ir embora, um dos divinais licores de frutos, que são um dos ex-libris desta região.

Caso decida pernoitar, propomos a Casa da Padaria, para usufruir da sua experiência rústica na totalidade, e, também, desvendar a história deste cômodo espaço. Se, por outro lado preferir um pouco mais de luxo com por exemplo, piscina interior aquecida, jacuzzi, sauna e ginásio, a escolha certa é definitivamente o INATEL Piódão Hotel, classificado com 4 estrelas.

Acrescentaríamos para terminar que as pessoas de Piódão são altamente atenciosas e simpáticas, por isso não faltam motivos para vir conhecer esta aldeia! Venha, não se vai arrepender!

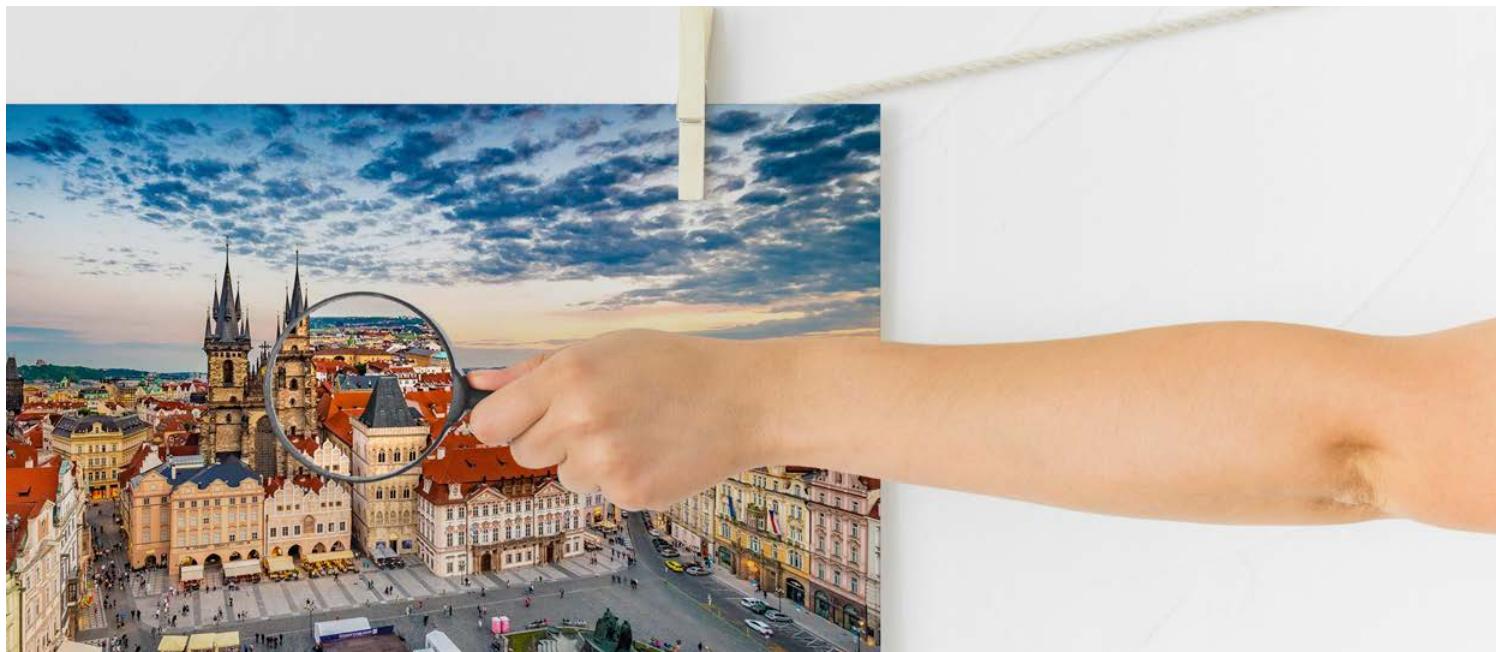


Fatinha Pinheiro
Geógrafa

| C O M L U P A : L Á F O R A

Praga

A cidade das 100 cúpulas



Partimos rumo à popular República Checa «Česká Republika», país que antagoniza a sua riquíssima história com a sua independência e fixação de fronteiras. Localizada no centro da Europa, esta nação caracteriza-se pelo enclausurado efetuado pelas nações limítrofes «Alemanha, Polónia, Áustria e Eslováquia», que a privam de um acesso direto ao mar. Com uma área de 78,8 km² e uma população estimada em 10 milhões de habitantes, esta nação central beneficia de uma mescla de Checos, Moravianos, Eslovacos e outras minorias. Por forma a conhecermos a cidade, proponho partilhar um enquadramento histórico, isto porque Praga é igualmente conhecida como cidade das mil histórias, sendo que a posição central que ocupa no continente europeu terá sido alvo de coberta por diversos povos desde a sua origem. Durante milhares de anos, Praga terá sido local de passagem obrigatória de rotas comerciais que atravessavam a Europa. Apesar dos diver-

sos vestígios arqueológicos associados a pequenos povoados agrícolas, os primeiros habitantes temporários registados em Praga pertenceram aos Celtas, que se terão estabelecido na cidade nos séculos IV-III a.C.

Em pleno séc. IX terá sido fundada a cidade de Praga, e de acordo com evidências históricas, a princesa Libuse e suas dinastias subsequentes, terão conduzido e governado o destino da cidade até aos séc. IX e XIV, convertendo Praga numa das mais importantes cidades comerciais de toda Europa Medieval. Seguiram-se períodos conturbados na história de Praga e da atual República Checa, e em 1620, após derrota na Batalha da Montanha Branca, os destinos da cidade transíram para o imponente império Austro-húngaro.

Seguiu-se a Primeira Guerra Mundial, e após o colapso da monarquia Austro-húngara é criado a antiga Checoslováquia, formada por Checos e Eslavos. Esta paz e prosperida-

de viria a ser sol de pouca dura, uma vez que a Europa estava a braços com a 2ª Guerra Mundial e a divergência entre Eslavos e Checos viria a ser aproveitada por Adolfo Hitler. O ditador terá usado o conflito para conceder independência, sobre a eloquência de um Estado fantoche, à Eslováquia e invadido e ocupado a República Checa, nomeadamente Praga. A cidade virou um Estado ocupado pelo governo Nazi, e sofreu às mãos do tirano, um genocídio. Recordo que este povo tem como origem os Morávios cuja origem «Cigana» era considerada uma “raça inferior”. Uma das figuras proeminentes da cidade foi Reihard Heydrich, conhecido como o “Carniceiro de Praga”, tendo sido responsável pela morte de milhões de Judeus. O seu caráter implacável tornou-se num elemento apreciado em todo o reich, todavia viria a sofrer um atentado: a «Operação Anthropoid» organizada por um grupo de militares Britânicos em colaboração com um grupo pertencente à resistência Checa e Eslovacos no exílio. São inúmeras as histórias associadas ao clima de terror a que Praga ficou subjugada, assim como os atos heroicos da resistência Checa.

O fim da segunda guerra mundial, resultou na unificação da Checoslováquia, sob o controlo Soviético. O dia 1 janeiro 1993 dita o fim do regime comunista na região, sendo que pacificamente as duas repúblicas decidem seguir caminhos separados fundando a República Checa e Eslovaca.

A Capital Praga «Praha», é um dos destinos mais populares de toda a Europa e conta com uma média anual de 6 milhões de turistas. Considerada por muitos como uma das mais belas cidades do mundo, Praga, caracteriza-se por proporcionar uma experiência valiosa do ponto vista artístico e cultural, repleta de ótimos restaurantes e jardins encantadores, tornando impossível não amar esta cidade.

Atravessada pelo rio Vltava, o maior da República Checa, esta capital repleta de pontes e catedrais preserva o seu centro medieval. Os traços arquitetónicos do gótico e barroco dos edifícios e monumentos impressiona os turistas.

Ponte Charles - «Karlův most»

A ponte Karluv Most, terá sido construída sobre o rio Vltava em 1357, e perdurado até aos dias de hoje como uma das mais antigas de toda a República Checa. Este monumento icónico da cidade terá sido erigido de acordo os desígnios do rei Carlos IV, e destaco os seus dezasseis arcos perfeitamente alinhados, as duas torres góticas nas extremidades e um conjunto de estátuas religiosas ao longo dos seus 520 metros de comprimento.

A azáfama é constante, e sair de Praga sem observar o pôr/nascer do sol na Ponte Carlos equipara-se ao ditado “Ir a Roma e não ver o Papa”. As vistas sobre a Ponte Carlos, Cidade Velha e Malá Strana são realmente imperdíveis: disfrute do local e das centenas de estabelecimentos comerciais circundantes à ponte.

Praça da Cidade Velha «Staromestske namesti»

A História conturbada ao longo dos séculos, não terá afetado a arquitetura da praça central de Praga, atualmente Património Mundial da Unesco. Este monumento a céu aberto, é considerado como o coração da cidade, todos os caminhos aportam a este local, sendo possível ao visitante contemplar uma miscelânea arquitetónica, dos períodos Rococó, Barroco e Gótico.

Na fachada da Câmara Municipal, encontramos um dos pontos mais emblemáticos de Praga. O relógio astronómico, considerado como um dos mais elaborados e antigos do mundo, mistura os conceitos religiosos, astronómicos e calendário. A confusão junto ao mesmo é constante, e te-





nha atenção ao local, visto que é um dos locais preferidos dos carteiristas da cidade.

Bairro Judeu

Semelhante às demais cidades da Europa de Leste, Praga apresenta uma forte tradição associada às comunidades judaicas que habitam a cidade. O atual Bairro Judeu, encontra-se localizado a norte da cidade velha. Neste local, os turistas podem visitar um conjunto de monumentos e edificações que sobreviveram até aos dias hoje, e que retratam a vida a que estas comunidades foram sujeitas. Poderá ser adquirido um bilhete único que permite ao visitante aceder aos diversos edifícios geridos pelo Museu Judaico de Praga. Destaco obviamente a Sinagoga de Pinkas, que configura um símbolo da memória do Holocausto na República Checa, e cujo interior está repleto de nomes de judeus deportados para os campos de extermínio nazi, como o Campo de Concentração de Terezin situado a poucos quilómetros de Praga.

Nas imediações da Sinagoga, é possível observar a estátua do escultor checo Jaroslav Róna, que procurou homenagear Kafka, autor de diversos romances e contos, e considerado como um dos escritores mais influentes do século XX. Desta forma, a estátua retrata na íntegra o controverso Franz Kafka, nomeadamente o seu estilo desconcertante, complicado e profundamente humano.

Muro de John Lennon

Após o assassinato de John Lennon em finais de 1980, uma homenagem ao músico surgiu na cidade de Praga. Nas imediações da Ponte Carlos, foi pintado um grafite ao estilo hippie, tendo sido inicialmente considerado como um ato de vandalismo, e prontamente apagado pelas entidades governamentais.

Este desafio à liberdade resultou que um simples mural de homenagem aos Beatles tenha-se transformado num local de apelo à paz e amor. Este local vale pela representatividade e pelas belas fotografias que proporciona. É latente o contraste entre uma cidade Barroca/Gótica e esta forma de arte contemporânea.

Casa Dançante - «Tančící dům»

Este prédio de escritórios encontra-se localizado no centro de Praga, desenhado pelo arquiteto Vlado Milunic, e a sua conceção é sem dúvida polémica. Inicialmente estava previsto funcionar como local de apoio às atividades culturais, todavia estes intentos nunca se confirmaram.

Museu do Comunismo

Poderá parecer uma ironia, mas um dos lugares mais interessantes a visitar é sem dúvida o Museu do Comunismo. O visitante ficará a conhecer a verdadeira opressão deste regime totalitário sobre a população. Uma exposição muito bem documentada com fotos, vídeos, nas quais é retratada



a primavera de Praga, nas quais o povo iniciou a revolta no sentido de reformar o governo comunista instalado, culminando numa invasão às mãos da União Soviética.

Campo de Concentração de Terezin

A cidade de Terezin situada a 62km de Praga é conhecida devido ao Campo de Concentração. Terezin estaria dividido em duas partes, nomeadamente um gueto judeu e um Campo de Concentração. Recordo que apesar de vários relatos de mortes associadas ao local, este sempre foi visto como um local de passagem para outros campos de extermínio. No Campo de Concentração, é possível observar os barrações, os pátios e constatar in loco as horríveis condições a que eram sujeitas pessoas incluindo crianças.

Castelo de Praga - «Pražský hrad»

O Castelo de Praga, é uma das construções mais importantes da cidade. Terá sido construído em meados do século IX com o propósito de albergar a família real, todavia atualmente serve o propósito de residência oficial presidencial. Considerado como o maior castelo do mundo, este monumento histórico é um dos locais mais visitados de toda a República Checa e deverá constar na lista de atrações obrigatórias a visitar.

A imensidão do Castelo atribui-se ao facto de este agregar vários palácios, igrejas, jardins e pequenos edifícios onde residiam os serviçais. No interior do castelo, é possível adquirir um bilhete combinado que permite o acesso aos demais monumentos circundantes ao castelo.

A Catedral de São Vito, é uma das mais importantes catedrais da cidade e todo o reino, local associado a inúmeras coroações. Construída ao estilo gótico terá demorado cerca de 600 anos até ficar concluída, o seu interior é deslumbrante estando repleto de frescos bíblicos. A fachada exterior é realmente magnífica e está ornamentada com diversas gárgulas e vitrais que iluminam o interior de forma única.

Nas imediações, podemos encontrar a Basílica de São Jorge: estamos perante o mais antigo edifício religioso da cidade, a Basílica de São Jorge «Bazilika Sv. Jirí», que remonta ao ano de 920, e terá sido edificada em honra do São Jorge, um dos santos mais importantes da cultura Eslava.

À sombra do castelo de Praga, podemos ainda encontrar a encantadora rua do ouro «Zlata Ulicka», repleta de casinhas coloridas que funcionam como museu/lojas, e que retratam o quotidiano da Idade-Média.

Praga uma cidade repleta de história charme e mistério!



João Costa
Doutorando em Sistemas Sustentáveis de Energia



| FALAR PORTUGUÊS

Qual é a origem de «guerra»?

Com os tambores a rufar no Leste do nosso continente, façamos uma pequena viagem no tempo, em busca da origem da palavra «guerra».

A palavra portuguesa tem origem imediata no latim — não o latim clássico, mas sim o latim medieval, ou romance. Os falantes dos vários romances, a certa altura, importaram a palavra «*werru» do antigo francês, a língua germânica da dinastia merovíngia dos Francos, que também foi

importada para o latim medieval da escrita, onde aparece como «werra».

As palavras que os vários falares latinos importaram das línguas germânicas sofreram transformações. Uma das mudanças típicas era a mudança do som /w/ inicial em /g/. Foi o que aconteceu em francês, em italiano — e, claro, em português, com a nossa «guerra», que tem origem na «*werru» germânica.

Houve, no entanto, uma excepção: nos falares do Norte da França, as palavras germânicas eram importadas sem essa transformação. O francês normando, por exemplo, importou «*werru» como «werre» (e não «guerre», como mais a sul).

Os normandos, como se sabe, plantaram muitas palavras no inglês. Foi o que aconteceu à tal «werre», que se transformou em «war». Sim, não parece, mas «guerra» e «war» têm uma história muito parecida. Temos uma palavra germânica importada para uma língua latina que, por sua vez, a exportou para outra língua germânica (o inglês).

O latim clássico já tinha uma palavra para guerra: «bellum». Ao longo da história, essa antiga palavra foi reutilizada para criar palavras como «bélico» ou «beligerante». Por que razão preferimos, para o termo principal, a importação «guerra»? Os germânicos transformaram-se, depois do fim do Império do Ocidente, na nova elite militar. Não é de estranhar que algumas palavras tivessem entrado na língua da população — ainda por cima uma palavra tão militar. A palavra «bellum», com as transformações típicas das várias línguas latinas, também iria acabar com uma forma demasiado semelhante (ou igual) a «belo»... Dê por onde der, na guerra entre estas duas palavras latinas (a velha «bellum» ou a mais recente «guerra»), ganhou a palavra vinda do Norte.

Uma vez dentro das línguas latinas, cada uma delas usou a palavra para criar mais palavras, de várias classes: em português, criámos nomes («guerreiro»), verbos («guerrear»), adjetivos («aguerrido»), advérbios («aguerri-damente»)... A palavra também é usada metaforicamente com frequência — basta pensar na guerra contra uma qualquer doença.

Fim da história? Ainda não. Podemos continuar a viajar no tempo: a palavra germânica que foi emprestada ao latim medieval tem origem na raiz proto-indo-europeia «*wers-». (O asterisco na palavra indica ser uma forma reconstruída pelos linguistas.) Essa palavra, com menos saltos, deu também origem à palavra latina «verrō», que nos deu «varrer».

Como é que «guerra» e «varrer» têm a mesma origem, mas significados tão diferentes? A raiz «*wers-» significava algo como «arrastar», «limpar», «malhar» ou «debulhar». O percurso até «varrer» não é difícil de entender. Já a palavra germânica com a mesma origem (e que veio a dar à nossa «guerra») herdou apenas o significado de «malhar» ou «debulhar», dando depois um pequeno salto metafórico para «criar confusão» (a confusão do chão depois da debulha).

Confusão: daí terá vindo «*warru» e, depois, «guerra» — estamos, de facto, a viver dias confusos.



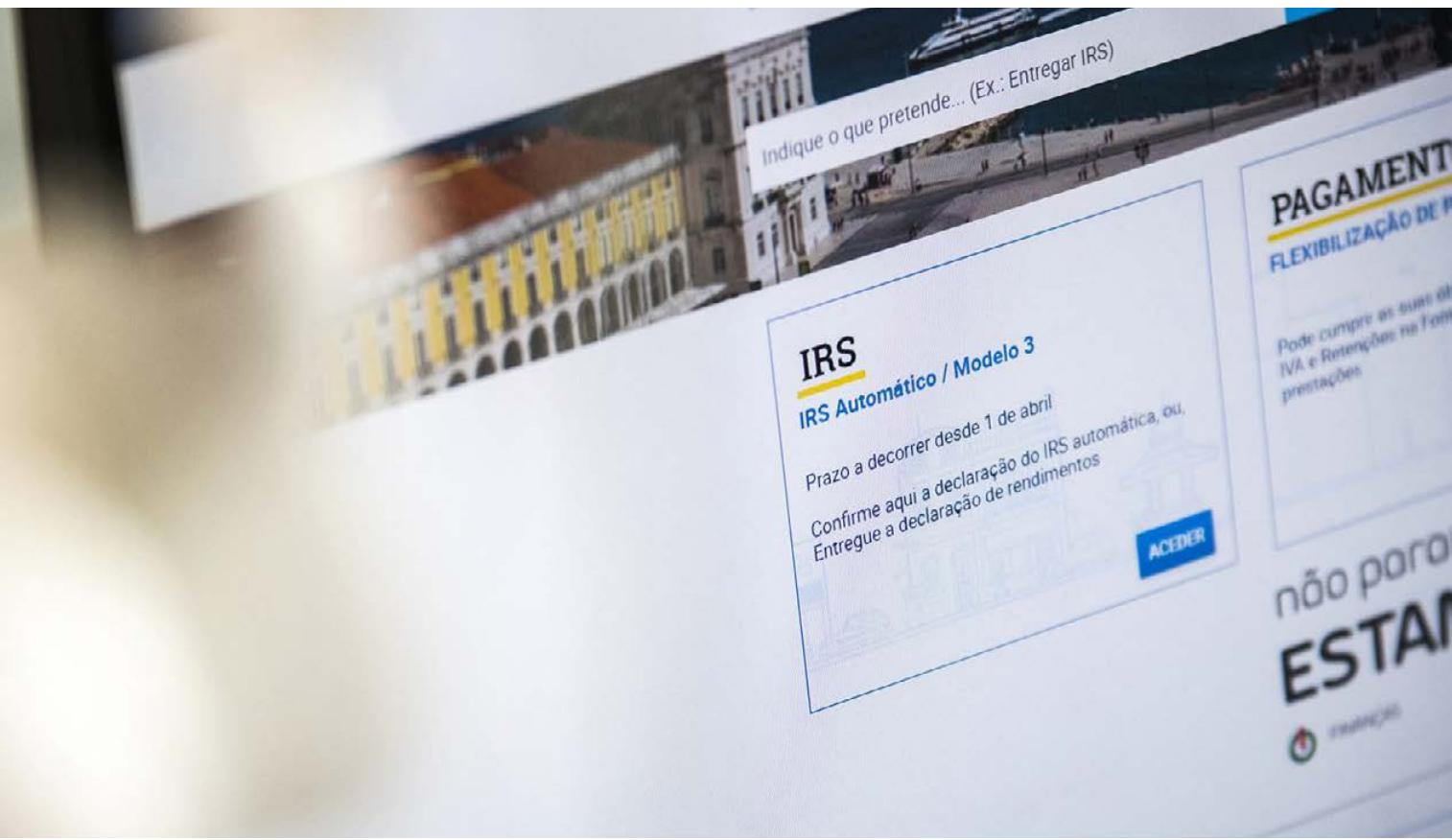
Marco Neves
Universidade Nova de Lisboa

| DIREITO FISCAL

Na época declarativa 2022 do IRS - 1 de abril a 30 de junho

contact@rfflawyers.com

<http://rffassociados.pt>



Em Portugal, a “época declarativa” das pessoas singulares, inicia-se com obrigação de entregar a declaração anual Modelo 3 e decorre entre os dias 1 de abril e 30 de junho do ano seguinte àquele a que os rendimentos dizem respeito. Esta declaração tem por fim o reporte e a tributação dos rendimentos auferidos em Portugal, em sede de IRS.

O reporte dos rendimentos para efeitos de IRS varia em função da residência do contribuinte – se residente ou não residente fiscal em Portugal, se abrangido ou não pelo regime especial do residente não habitual, etc. Dependendo desses e de outros estatutos fiscais, a tributação desses rendimentos variará em função da sua natureza e de taxas de tributação, fixas ou progressivas, sendo que os contri-

buintes residentes em Portugal deverão ainda declarar as contas bancárias estrangeiras, indicando o IBAN e o código BIC/SWIFT.

O período de residência fiscal dos contribuintes durante o ano é, ainda, relevante, na medida em que, nos termos da legislação fiscal portuguesa, se podem qualificar como residentes parciais em Portugal. Neste caso, apenas os rendimentos auferidos durante o período da sua residência em Portugal deverão ser objeto de reporte nessa declaração anual Modelo 3 de IRS.

A qualificação correta e a avaliação exata dos rendimentos e a sua declaração respetiva é da maior importância, para garantir uma tributação justa e legalmente correta e para que o contribuinte possa obter, inclusivamente, todos os benefícios fiscais a que tem direito enquanto contribuinte, como enquanto residente não habitual, nomeadamente, neste caso, no que concerne à taxa fixa de 20% em atividades de “elevado valor acrescentado”. Os benefícios fiscais associados a este último regime não são de aplicação automática e dependem do preenchimento da declaração anual Modelo 3 de IRS. Uma incorreta qualificação pode acarretar uma tributação superior à que seria devida e poderá desen-

cadear um processo contencioso com a Autoridade Tributária e Aduaneira.

A aplicação das isenções sobre rendimentos de fonte estrangeira e essa taxa flat de 20% sobre os rendimentos de trabalho dependente ou sobre outros rendimentos empresariais e profissionais, auferidos por esses contribuintes residentes não habituais depende, ainda, do correto preenchimento e da submissão da declaração.

Por outro lado, para que os contribuintes possam deduzir fiscalmente todas as despesas legalmente admitidas (v.g. saúde, educação, restauração ou outras) deverão validar todas as despesas no portal E-fatura até ao dia 25 de fevereiro do ano seguinte àquele em que ocorreu a despesa.

Há hoje ainda que chamar a atenção para a existência de regras sobre a troca de informações, como o common reporting standard (CRS), quanto às informações financeiras, as quais consistem em mecanismos internacionais de troca automática de informações para efeitos fiscais no período de residência fiscal, sendo para isso fulcral o reporte das contas bancárias detidas no estrangeiro a 31 de dezembro de cada ano para os residentes fiscais em Portugal.



Rogério M. Fernandes Ferreira
Rogério Fernandes Ferreira & Associados

| FISCAL

Recursos Humanos

Os contabilistas certificados não têm outro remédio senão o de ser líderes, já que lideram a contabilidade das organizações e a sua equipa de contabilidade. Isto implica que no seu dia-a-dia se apercebem que os recursos humanos são um dos aspetos da empresa mais complicados de gerir, e que por vezes muitos dirigentes subestimam.

O carisma de um líder pode contribuir, muito, para que todos numa empresa e/ou num departamento, remem para o mesmo lado de forma coesa. Numa organização nem todos podem desempenhar funções de liderança nos vários níveis de uma empresa. Ser líder tem muito de inato, embora exista alguma margem para a aprendizagem, mas é sem dúvida uma arte.

Um líder de uma empresa procura que todos os colaboradores ponham em prática os seus objetivos, mas por vezes, existem líderes com uma capacidade extraordinária de conseguir influenciar pessoas fora da sua organização, contribuindo para os seus objetivos de forma gratuita e empenhada.

Tomemos como exemplo uma per-

sonagem atualmente incontornável, completamente amoral e que decerto seria julgado como criminoso de guerra em qualquer tribunal livre: PUTIN.

Putin consegue o feito notável de influenciar os jornalistas ocidentais que trabalham para jornais ocidentais, a contribuírem para o esforço de guerra russo, de forma voluntária, empenhada e muito profissional, alguns deles mesmo pondo em risco a suas próprias vidas.

Todos nós já testemunhámos como esses jornalistas fazem questão de revelar que países estão a fornecer armas, que tipo de armas e como elas chegam à Rússia, ficando quase só a faltar revelar os horários de transporte e as matrículas dos meios que as transportam. Outros fazem questão de mostrar o rosto de ucranianos que desempenham papéis vitais na defesa do seu país, tornando-os num alvo fácil. Outros jornalistas revelam onde se fazem os cocktails molotov, onde estão as defesas Ucranianas, onde estão escondidos os soldados, os seus tanques e até as linhas de aprovisionamento,

facilitando informação fácil ao inimigo.

Alguns destes jornalistas acham-se corajosos por fazerem este magnífico trabalho, correndo até o risco de serem vítimas de misseis ou tiros russos, para quem verdadeiramente trabalham.

É difícil encontrar tal trabalho jornalístico sobre o lado russo mesmo em território ucraniano, no entanto muito desses jornalistas regressam satisfeitos da frente de batalha. Não me admiraria que a embaixada Russa solicitasse à Câmara de Lisboa os seus contactos para a atribuição de medalhas de mérito pelo próprio Putin.

Penso que todos os líderes de uma empresa gostariam de beneficiar desta forma de influenciar de Putim, em que os colaboradores das empresas concorrentes tudo fizessem para beneficiar a empresa concorrente, de forma empenhada, gratuita e corajosa...

Em todo o caso se dirige uma empresa e queira discutir sobre problemas de liderança não deixe de consultar um contabilista certificado.



Philippe Fernandes
CEO Cisterdata



Quando falham certos detalhes tudo se torna inútil.

info@amostradeletras.pt

.M.
amostra de letras
COMUNICAÇÃO



WWW.EIMIGRANTE.PT

OFEREÇA
UM MELHOR
FUTURO
À SUA FAMÍLIA
EM PORTUGAL



+351 217 960 436



CERAL@EIMIGRANTE.PT



@EIMIGRANTE



AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 35-2ºA 1050-118 LISBOA
RUA FELICIANO DE CASTILHO, 66 4000-293 PORTO